



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL  
CAMPUS CHAPECÓ  
CURSO DE AGRONOMIA**

**ADISSON DE SÁ CENSI**

**O AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DO MUNICÍPIO DE  
LAJEADO DO BUGRE**

**CHAPECÓ  
2019**

**ADISSON DE SÁ CENSI**

**O AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DO MUNICÍPIO  
DE LAJEADO DO BUGRE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de  
Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul, como  
requisito para obtenção do título Bacharel em Agronomia

Orientador: Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite

**CHAPECÓ**

**2019**

## **Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Censi, Adisson de Sá

O autocontumo na agricultura familiar: O caso do município de Lajeado do Bugre / Adisson de Sá Censi. -- 2019.

64 f.:il.

Orientador: João Guilherme Dal Belo Leite. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de Agronomia, Chapecó, SC , 2019.

1. Segurança alimentar e nutricional. 2. Renda agrícola. 3. Autonomia familiar. 4. Sustentabilidade. 5. Biodiversidade. I. Leite, João Guilherme Dal Belo, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

ADISSON DE SÁ CENSI

## O AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR: O CASO DO MUNICÍPIO DE LAJEADO DO BUGRE

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Bacharel em Agronomia da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite

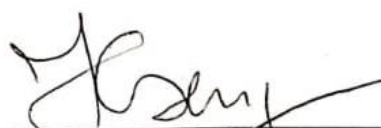
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 09/07/2019.

### BANCA EXAMINADORA




---

Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite  
Orientador



---

Prof. Dr. Inês Claudete Burg  
1º Examinador



---

Prof. Dr. Silmar Pedro Tironi  
2º Examinador

Aos meus pais Amilton e Sônia, a minha namorada Ana Paula, aos meus irmãos e a toda a minha família que sempre me apoiou e esteve ao meu lado. Sem vocês nada disso seria possível. Muito obrigado pela compreensão, apoio e carinho!

## AGRADECIMENTO

Primeiramente a Deus pela vida, por ter me dado força e coragem para superar todas as dificuldades.

Ao meu orientador, professor Doutor João Guilherme Dal Belo Leite, pela dedicação, apoio, amizade e pela confiança depositada no meu trabalho.

Aos demais professores, que contribuíram com a minha formação, em especial os do curso de Agronomia pelos ensinamentos e a amizade.

Aos colegas e amigos de graduação por cada noite de estudo, pela parceria, palavras de apoio, críticas, discussões e elogios.

Aos meus pais Amilton e Sônia, que sempre me guiaram e são exemplo de pessoas honestas, humildes e dedicadas, aos meus quatro irmãos pelos momentos felizes, apoio e incentivo.

A minha namorada e amiga Ana Paula, pela paciência, por se preocupar e compartilhar comigo todas as minhas alegrias, frustrações e por sempre estar presente em tudo, obrigado pela compreensão, ideias, apoio e pela importância que tens na minha vida.

Aos demais familiares e amigos, companheiros de todos os momentos.

As famílias de agricultores que participaram de maneira voluntária, me receberam muito bem em suas propriedades, não só contribuindo com informações, mas também passando vários ensinamentos, experiências e energias positivas.

Aos extensionistas locais que contribuíram com informações na elaboração desse trabalho.

A Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Chapecó, por me oferecer ensino público de boa qualidade e, proporcionar ao longo destes cinco anos, condições para o desenvolvimento da carreira acadêmica.

Enfim, agradeço a todos que de alguma maneira participaram do meu processo de formação.

Muito Obrigado!

## RESUMO

Este estudo demonstra a contribuição do autoconsumo na composição da renda agrícola familiar e discute as principais características associadas ao seu desenvolvimento. Também denominado como produção “pro gasto” ou para “aprovisionamento”, o autoconsumo refere-se a toda produção realizada pela família (horta, pomar, criação de animais etc.), cujos produtos são destinados ao seu próprio consumo. Foram pesquisadas 16 unidades de produção agrícola (UPA) familiar e 3 agentes de assistência técnica e extensão rural (ATER) do município de Lajeado do Bugre, região Noroeste do Rio Grande do Sul. A seleção das UPA's passou por consulta com agentes de ATER, os principais critérios de escolha foram: i) Representatividade das famílias de acordo com o estudo e; ii) Acessibilidade para o levantamento de dados. A coleta dos dados foi realizada com o auxílio de questionário semiestruturado. O estudo foi dividido em 3 partes: 1º foram aplicados questionários sobre o autoconsumo aos agentes de ATER; 2º à 8 famílias que produzem pouco ou nada para o autoconsumo; 3º à 8 famílias que produzem bastante para o autoconsumo. Para as que produzem, foi levantado a renda agrícola da atividade, referente ao ano de 2018, considerando-se diversidade, quantidade produzida e todos os fatores de produção. Já para as que não produzem, foram levantadas as características associadas ao desinteresse com a atividade. Para o cálculo da RA do autoconsumo, foi feita uma pesquisa de mercado considerando o quanto a família gastaria, se deixasse de produzir na UPA e adquirisse os produtos no comércio local. A atividade possui uma grande diversidade, na qual são 169 produtos, divididos em: 47 frutas, 39 hortaliças, 35 medicinais, 13 animais, 13 processados, 12 temperos, 5 grãos, 2 fibras vegetais, 1 colmo, semente e lenha. A renda agrícola média anual é de R\$ 10.006,02, o que corresponde a uma renda mensal de R\$ 833,83. Os principais elementos na composição da renda são os de origem animal (37%), hortaliças (24,7%), frutas (12,5%) e lenha (9,2%). Outro aspecto positivo, é a demanda relativamente baixa de mão de obra, 262,30 dias de trabalho homem (DTH)/ano, e remuneração de 38,10 R\$/DTH, podendo a família usufruir de folgas, feriados. Dentre os principais motivos associados ao desinteresse com o autoconsumo estão a escassez de mão de obra, e principalmente ocupações não agrícolas por parte das mulheres, entre outros. Adicionado a isso, a média de idade das pessoas aptas a trabalhar nessas UPA's, é inferior à daquelas com autoconsumo forte, segundo o teste *t* de Student ( $\alpha = 5\%$ ). Conclui-se que o autoconsumo é uma importante alternativa à geração de renda na agricultura familiar, diminuindo gastos com mercado, e

além de garantir autonomia socioeconômica à família, promove a segurança alimentar devido a sua grande diversidade produzida, distribuição ao longo do ano e qualidade dos produtos, que em sua maioria são livres de agrotóxicos. Sob o ponto de vista social, também se mostrou interessante, visto que valoriza o conhecimento passado de pais para filhos, fortalece relações entre vizinhos e amigos e incentiva o trabalho em grupo.

Palavras-chave: Segurança alimentar e nutricional. Renda agrícola. Autonomia familiar. Sustentabilidade. Biodiversidade.



## ABSTRACT

This study demonstrates the contribution of self-consumption to the composition of family farm income and discusses the main characteristics associated with its development. Also referred to as "pro-spending" or "provisioning" production, self-consumption refers to all production made by the family (vegetable garden, orchard, animal husbandry, etc.) whose products are intended for their own consumption. Sixteen agricultural production units (UPA) and three rural technical and extension agents (ATER) of the municipality of Lajeado do Bugre, in the Northwest region of Rio Grande do Sul, were surveyed. The selection of PAUs was consulted with ATER agents, the main selection criteria were: i) Representativeness of families according to the study; ii) Accessibility for data collection. Data collection was performed using a semi-structured questionnaire. The study was divided into 3 parts: 1st questionnaires were applied on self-consumption to ATER agents; 2 to 8 families that produce little or nothing for self-consumption; 3rd to 8 families that produce enough for self-consumption. For those that produce, the agricultural income of the activity was raised, referring to the year 2018, considering diversity, quantity produced and all factors of production. For those that do not produce, the characteristics associated to disinterest with the activity were raised. For the calculation of the RA of self-consumption, a market survey was made considering how much the family would spend, if it stopped producing in the UPA and purchased the products in the local commerce. The activity has a great diversity, in which there are 169 products, divided into: 47 fruits, 39 vegetables, 35 medicinal, 13 animals, 13 processed, 12 seasonings, 5 grains, 2 vegetable fibers, 1 stalk, seed and firewood. The average annual agricultural income is R\$ 10,006.02, which corresponds to a monthly income of R\$ 833.83. The main elements in income composition are animal (37%), vegetables (24.7%), fruits (12.5%) and firewood (9.2%). Another positive aspect is the relatively low demand for labor, 262,30 man-days (DTH) per year, and a remuneration of 38.10 R\$/DTH, and the family can enjoy holidays, holidays. Among the main reasons associated with the lack of interest in self-consumption are the shortage of labor, and mainly non-agricultural occupations by women, among others. Added to this, the average age of the people able to work in these UPA's is lower than those with strong self-consumption, according to *Student's t-test* ( $\alpha = 5\%$ ). It is concluded that self-consumption is an important alternative to generating income in family agriculture, reducing market spending, and besides guaranteeing socioeconomic autonomy to the family, promotes food security due to

its great diversity, distribution throughout the year and quality of the products, which are mostly free of pesticides. From the social point of view, it was also interesting, since it values the past knowledge of parents to children, strengthens relations between neighbors and friends and encourages group work.

Keywords: Food and nutritional security. Agricultural income. Family autonomy. Sustainability. Biodiversity.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 01 – Localização do município e das UPA's .....	22
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Diversidade de produção e quantidade (kg) produzida. ....	28
Gráfico 2 – Participação (%) de cada classe na quantidade consumida (kg) de autoconsumo. ....	29
Gráfico 3 – PB, CI, Depreciação e a renda agrícola anual por família. ....	32
Gráfico 4 – Contribuição média (%) de cada classe na renda agrícola de autoconsumo. ...	33
Gráfico 5 – Relação entre tamanho da família, RA mensal e <i>per capita</i> de autoconsumo.	34
Gráfico 6 – Participação do autoconsumo na renda agrícola familiar.....	35
Gráfico 7 – Contribuição do autoconsumo na renda mensal <i>per capita</i> familiar.....	36
Gráfico 8 – Participação (%) de cada atividade na demanda de mão de obra de autoconsumo. ....	37

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Unidades de trabalho homem (UTH) por faixa etária. ....	27
Tabela 2 – Valores médios (R\$) segundo dados das 8 famílias. ....	31
Tabela 3 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável idade dos grupos. ....	40
Tabela 4 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável renda (R\$). ....	40
Tabela 5 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável número de pessoas/família dos grupos. ....	41
Tabela 6 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável gasto mensal de mercado. ....	41
Tabela 7 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável superfície agrícola útil. ....	42
Tabela 8 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável esforço físico atribuído pelos agricultores, em uma escala de notas de 0 a 10. ....	42
Tabela 9 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável atratividade econômica da agricultura, segundo notas atribuídas pelos agricultores em uma escala de 0 a 10. ....	43
Tabela 10 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável chances de sucessão familiar, em escalas de nota de 0 a 100%. ....	44
Tabela 11 – Teste <i>t de Student</i> ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável nível tecnológico ....	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
1.1 OBJETIVOS .....	15
<b>1.1.1 Objetivo geral.....</b>	<b>15</b>
<b>1.1.2 Objetivos específicos.....</b>	<b>15</b>
1.2 JUSTIFICATIVA .....	16
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>17</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO MUNICIPAL: HISTÓRIA E AGRICULTURA FAMILIAR .	17
2.1 O AUTOCONSUMO E A AGRICULTURA FAMILIAR.....	18
2.2 O AUTOCONSUMO: AUTONOMIA, SEGURANÇA E SOBERANIA ALIMENTAR .....	19
2.3 O ENFRAQUECIMENTO DO AUTOCONSUMO: AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA .....	20
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>22</b>
3.1 COLETA E ANÁLISE DE DADOS .....	22
3.2 MENSURANDO A PRODUÇÃO .....	23
3.3 CÁLCULO DA RENDA AGRÍCOLA .....	25
3.4 ESTIMANDO A MÃO DE OBRA .....	26
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>28</b>
4.1 AUTOCONSUMO FORTE .....	28
<b>4.1.1 Diversidade, quantidade produzida e principais características .....</b>	<b>28</b>
<b>4.1.2 Renda agrícola de autoconsumo.....</b>	<b>31</b>
4.1 AUTOCONSUMO FRACO.....	37
4.2 AUTOCONSUMO FORTE <i>VIS-À-VIS</i> AUTOCONSUMO FRACO .....	39

<b>4.2.1 Idade das pessoas aptas a trabalhar .....</b>	<b>39</b>
<b>4.2.2 Renda familiar .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2.3 Número de pessoas/família .....</b>	<b>40</b>
<b>4.2.4 Gasto mensal de mercado .....</b>	<b>41</b>
<b>4.2.5 Superfície agrícola útil (SAU).....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.6 Esforço físico (penosidade) .....</b>	<b>42</b>
<b>4.2.7 Atratividade econômica da agricultura.....</b>	<b>43</b>
<b>4.2.8 Sucessão familiar .....</b>	<b>43</b>
<b>4.2.9 Conhecimento técnico .....</b>	<b>44</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE 1 – QUESTIONÁRIO: FAMÍLIAS DE AUTOCONSUMO FORTE.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO: FAMÍLIAS DE AUTOCONSUMO FRACO ...</b>	<b>54</b>
<b>Parte II: aspectos sociais, políticas públicas e extensão rural .....</b>	<b>54</b>
<b>Parte III: Subsistência.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE 3 – QUESTIONÁRIO: EXTENSIONISTAS MUNICIPAIS.....</b>	<b>56</b>
<b>APÊNDICE 4 – DOCUMENTO: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>57</b>
<b>APÊNDICE 5 – QUADRO: CLASSIFICAÇÃO E PREÇO DOS ALIMENTOS.....</b>	<b>59</b>
<b>APÊNDICE 6 – TABELA: LISTA DE ITENS DEPRECIÁVEIS.....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Também denominado como produção “pro gasto”, “aprovisionamento” ou para “subsistência” (GAZOLLA, 2004; GRISA, 2007), o autoconsumo refere-se a toda produção realizada pela família cujos produtos são destinados ao seu próprio consumo. Diz respeito a produção de alimentos, como hortaliças, frutas, plantas medicinais, carne, leite, ovos, a fabricação de ferramentas e a produção de insumos para o processo produtivo (GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010).

Em geral, para as famílias rurais, o valor que estes produtos possuem é igual ao valor que teriam, caso tivessem de ser comprados no mercado local. Para fundamentar essa afirmação feita por Garcia Filho (1999), pode-se citar como exemplo, o cultivo de alface, pois caso a família não produza para o seu consumo, terá que recorrer aos comércios locais, pagando o preço de mercado.

Para Dorigon e Renk (2013), esses produtos, entre os colonos, sempre foram descritos como “miudezas”, e ao mesmo tempo, tratados de maneira depreciativa, ou seja, como uma produção de pouca importância. Embora a atividade fosse voltada para o consumo familiar, seu excedente sempre foi comercializado. Os responsáveis pela sua realização eram principalmente as mulheres, filhos e idosos, visto que os homens dedicavam seu tempo com atividades mais rentáveis, como a produção de suínos e grãos.

Embora tradicional, a atividade se mantém viva com muitas dificuldades, e ainda segundo Grisa, Gazolla, Schneider (2010), muitas vezes é tida como “invisível” no âmbito dos estudos rurais e das políticas públicas. Aliado a isso, outras dificuldades, é que no contexto da modernização, muitas famílias abandonaram o autoconsumo, por vezes associada à demanda de mão de obra, dificuldades de produção, atraso tecnológico e espécie de renda que oferece, uma vez que não traz dinheiro vivo ao bolso do agricultor no final de cada safra ou mês.

Segundo Menasche, Marques e Zanetti, (2008), a redução do tamanho das famílias, o envelhecimento da população rural e a crescente dedicação de jovens a ocupações não agrícolas, vêm provocando mudanças no sistema e nos hábitos alimentares da família, uma vez que a utilização da pouca mão de obra disponível, fica dedicada a produção com orientação mercadológica, ficando as de autoconsumo cada vez menor.

Nesse contexto o estudo das práticas alimentares das famílias rurais, constituem um caminho para a compreensão de suas percepções a respeito da agricultura, da natureza, bem



como do modo como suas vidas têm sido afetadas pelas recentes mudanças ocorridas (MENASCHE, MARQUES, ZANETTI; 2008).

Inserido nesse contexto, Lajeado do Bugre, município do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, possui constituição étnica de base cabocla, indígena, italiana, alemã e polonesa. A agropecuária é a principal atividade ao desenvolvimento e geração de renda na região, sendo essa, em sua grande parte familiar. As principais atividades realizadas no meio rural são o cultivo de soja, milho, trigo, gado de leite e corte, suinocultura, cultivos para autoconsumo, entre outros.

A vista disso, em sua primeira parte, a pesquisa busca demonstrar que diferentemente de outrora quando considerado como uma produção “marginal ou insignificante” (GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010), do ponto de vista socioeconômico, o autoconsumo exerce vários papéis junto às famílias do meio rural, principalmente às mais pobres, contribuindo com a renda, segurança alimentar, sucessão familiar e preservação de tradições e costumes. Na segunda parte, são identificados e discutidos os elementos referentes ao desinteresse, de famílias rurais, com a atividade.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo geral

Quantificar a contribuição do autoconsumo na composição da renda agrícola familiar no município de Lajeado do Bugre -RS e identificar as principais características associadas ao seu desenvolvimento.

### 1.1.2 Objetivos específicos

- Quantificar a renda agrícola anual/mensal da produção para autoconsumo;
- Identificar as diferenças socioeconômicas e agroecológicas entre as famílias de “autoconsumo forte” e, as de “autoconsumo fraco”;
- Identificar os motivos associados ao (des)interesse das famílias com o autoconsumo;
- Estudar a relação da mulher com o autoconsumo;

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Pouco se sabe sobre a contribuição do autoconsumo na composição da renda agrícola em unidades de produção familiar, assim como, os elementos aliados ao seu desenvolvimento (tamanho das propriedades, atividades desenvolvidas, disponibilidade de mão de obra). Esse relativo desconhecimento, fragiliza programas de desenvolvimento rural, políticas públicas e atividades de extensão voltadas a promoção da agricultura familiar e, principalmente, redução da pobreza no ambiente rural (GRISA, GAZOLLA, SCHNEIDER, 2010).

Tendo em vista que reduzir a pobreza e a fome no mundo é de extrema importância, a justificativa central desse estudo, baseia-se na afirmação realizada no Relatório sobre o desenvolvimento mundial, pelo World Bank (2007):

O crescimento agrícola tem poderes especiais na redução da pobreza em todos os tipos de países. Estimativas entre países mostram que o crescimento do PIB originário da agricultura é pelo menos duas vezes mais eficaz na redução da pobreza, do que o crescimento do PIB originado fora da agricultura. Para a China, estima-se que o crescimento agregado originário da agricultura tenha sido 3,5 vezes mais eficaz na redução da pobreza do que o crescimento fora da agricultura e, para a América Latina, 2,7 vezes mais eficaz (World Bank, 2007, p 06).

Isso demonstra a importância em desenvolver conhecimento à agricultura de locais pobres e pouco desenvolvidos, como é o caso de Lajeado do Bugre (características que serão descritas no tópico 2.1), o qual em 2010, foi o terceiro colocado, no ranking estadual de maior proporção de extremamente pobres, com 16,41% da população vivendo abaixo da linha da pobreza (MARTINS; WINK JUNIOR, 2013), sendo que 71% da população vive na zona rural. No município, salvo agricultores mais capitalizados, a maior parcela da população extremamente pobre encontra-se na área rural.

Em vista disso, torna-se necessário desenvolver conhecimento relativo a estratégias de reprodução social, com foco na promoção da segurança alimentar e redução da pobreza. O autoconsumo ganha destaque, tendo em vista que, “É através da produção para o autoconsumo que o agricultor familiar não depende, totalmente, do ambiente social e econômico em que está inserido e, principalmente, não depende das suas constantes flutuações” (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007, p. 8), e como já citado por Gazolla (2004), as políticas públicas e iniciativas locais não estão sendo eficientes no estímulo da produção.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO MUNICIPAL: HISTÓRIA E AGRICULTURA FAMILIAR

Uma particularidade que marca a história do Noroeste do Rio Grande do Sul é a ocupação humana tardia. A fundação das primeiras colônias na região, ocorreu por volta de 1880 (MANTELLI, 2006). Segundo Motter (2015), até 1915, a região não participava significativamente na economia do Estado. O fato que explica isso, é que, na época, a economia gaúcha, girava em torno do latifúndio pastoril, com a venda de produtos, aos comerciantes ingleses e franceses. Dessa maneira, a área de mata era considerada sem valor, pois como as áreas de campo aberto eram abundantes, não tinha sentido, desmatar novas terras para criar o gado (BRUM, 1987).

Nas colônias que se estabeleceram na região, ressalta-se a grande produção para autoconsumo como principal meio de sobrevivência, devido as adversidades encontradas na região de mata fechada e o trabalho pesado demandado nos primeiros anos de colonização. Essa consistia na produção de gêneros agrícolas diversos, voltados principalmente à alimentação das famílias (SCHNEIDER, 1999).

Dentre as culturas de subsistência o milho, por possuir várias utilidades, era o primeiro em área cultivada e em volume de produção. Em relação a criação de animais, tinham destaque a suinocultura, bovinocultura e avicultura e, relacionado a sua transformação, a banha era o principal produto, usada pelos colonos para autoconsumo e venda (ROCHE, 1969).

A colonização de Lajeado do Bugre ocorreu pouco mais tarde, por volta de 1922, sendo que somente em 1992 seria elevado à categoria de município. Sobre os indicadores socioeconômicos, em 2010 o município foi o terceiro colocado no ranking estadual de maior proporção de extremamente pobres, com 16,41% da população vivendo abaixo da linha da pobreza, isto é, com renda domiciliar *per capita* de até R\$ 70,00 mensais (MARTINS; WINK JUNIOR, 2013).

A população estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no último Censo (IBGE, 2010) foi de 2.487 habitantes. Desse total, 71% habitam na zona rural, ou seja, 1781 pessoas distribuídas em 562 domicílios (média de 3,17 pessoas/domicílio). A parcela da população com 15 anos ou mais que não sabia ler nem escrever, foi de 18,3%.

Com relação a renda familiar *per capita*, 6% das famílias não possuíam renda, 21% tinham renda de até  $\frac{1}{4}$  do salário mínimo, 23% de  $\frac{1}{4}$  a  $\frac{1}{2}$  salário mínimo, 29% de  $\frac{1}{2}$  a 1 salário mínimo nacional, o restante, 21%, tinha renda maior que 1 salário mínimo. Considerando domicílios com rendimentos mensais, de até meio salário mínimo por pessoa, 49.1% da população vivia nessas condições, o que colocou o município na pior posição dentre as 497 cidades do estado (IBGE, 2010).

Já para o PIB per capita deste período, o município está na pior colocação de sua região e em 437 no estado (IBGE, 2010). Sobre o PIB agropecuário, o valor adicionado bruto em 2016, correspondeu a 51,6% do valor total, ressaltando a importância da agricultura no município, mas ao mesmo tempo a baixa industrialização (IBGE, 2016).

## 2.1 O AUTOCONSUMO E A AGRICULTURA FAMILIAR

Segundo o Censo Agropecuário (IBGE, 2006), a agricultura familiar constitui a base econômica de 90% dos municípios brasileiros com até 20 mil habitantes e responde por 35% do produto interno bruto nacional, empregando 74% das pessoas ocupadas no campo. Estima-se ainda que 70% dos alimentos que chegam à mesa da população brasileira são produzidos pela agricultura familiar.

Dos 5.175.636 estabelecimentos agropecuários existentes no Brasil, 72,72% produzem para o autoconsumo, demonstrando a recorrência e a atualidade desta prática. Os dados sinalizam que, em 18% dos estabelecimentos rurais, o autoconsumo responde por mais de 90% da produção total. Se se considerar a participação do autoconsumo em 50% da produção total, são mais de 30% dos estabelecimentos nesta condição, demonstrando claramente a relevância do autoconsumo (GRISA; SCHNEIDER; CONTERATO, 2013, p 173).

A produção de autoconsumo é realizada em unidades familiares e não familiares, sendo mais prevalente em propriedades familiares (85,74%) do que nas não familiares (14,26%) (GRISA; SCHNEIDER; CONTERATO, 2013).

Segundo Schneider (2003), a agricultura familiar deve ser entendida como uma forma social de trabalho e produção, que ainda conserva algumas características típicas do camponês ou dos colonos, porém, as diferenças desta para os colonos de antes, são em termos de como são executadas as suas estratégias atuais de reprodução social perante as suas mudanças.

Nos últimos anos a agricultura familiar passou a ser tema de discussões em função da sua participação na economia e, também na proteção do meio ambiente. Já sob o ponto de vista econômico, a agricultura familiar produz para sua subsistência e comercializa o seu excedente que alimenta boa parte da população e ao mesmo tempo garante receita para o agricultor se manter e poder investir na propriedade (CHIMELLO, 2010).

Nas formas familiares o autoconsumo é originário de uma “negociação” entre os gestores que discutem aspectos como: espaços destinados às lavouras comerciais e às de autoconsumo, a quantia necessária para suprir as necessidades da família no ano, a organização dos espaços dentro da unidade de produção, entre outros (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997). Segundo Chayanov (1974) sempre leva em conta o tamanho da família diferenciados em termos de idade e particularidade de cada membro.

São também as mulheres juntamente com as “forças marginais”, ou seja, os velhos e crianças, que realizam o trabalho de cultivo e criação para o autoconsumo doméstico das formas familiares (DORIGON & RENK, 2016; GAZOLLA, 2004).

Nem sempre é possível a produzir ou armazenar a totalidade da produção o ano todo, devido a sazonalidade e estacionalidade de alguns produtos e a perecibilidade de outros. A saída, então encontrada, é vender parte da produção no mercado, armazenar o necessário e possível e, autoconsumir de várias maneiras a produção momentânea e estacional (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2007) (DORIGON; RENK, 2016).

Embora a agricultura familiar tenha papel social e econômico inquestionável, sua continuidade é incerta (FOGUESATTO, 2016). Desse modo, a importância do tema da sucessão familiar vem crescendo significativamente nos últimos anos.

## 2.2 O AUTOCONSUMO: AUTONOMIA, SEGURANÇA E SOBERANIA ALIMENTAR

O autoconsumo deve ser interpretado como uma estratégia que é utilizada pelas unidades familiares visando garantir a sua autonomia alimentar. Tendo em vista que a produção para autoconsumo possibilita o acesso direto aos alimentos. Estes seguem direto da unidade de produção (lavoura) para a unidade de consumo (casa), sem nenhum processo de intermediação que a torne valor de troca (GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010).

A produção para autoconsumo gera autonomia, pelo princípio da alternatividade produtiva. Segundo Garcia Junior (1983, 1989) a alternatividade pode ser definida como a

possibilidade da produção para autoconsumo ser vendida ou consumida pelo grupo doméstico dependendo das condições familiares e de mercado.

Dessa maneira, se os preços dos produtos estão altos, o produtor pode vender a sua produção, consumindo apenas o necessário e vendendo o restante. Com o dinheiro conseguido através da comercialização da produção que não pode ser armazenada nem autoconsumida, o agricultor pode comprar, naquela ou nas demais fases do ano, diferentes alimentos, possuindo assim, uma margem de manobra, que lhe garante um consumo diversificado durante todo o ano (GARCIA JR., 1983).

Além da autonomia alimentar, pode-se citar a importância do autoconsumo em pelo menos mais dois sentidos: a) esta produção constitui-se como uma fonte de renda não-monetária, a qual possibilita que as famílias economizem recursos na aquisição de alimentos, fazendo frente a outras necessidades indispensáveis (GARCIA JR., 1989); b) é uma estratégia de diversificação dos meios de vida, contribuindo, para maior estabilidade econômica e alimentar das famílias rurais (GRISA; GAZOLLA; SCHNEIDER, 2010).

Outro ponto fundamental do conceito de segurança alimentar, é o da qualidade nutricional dos alimentos consumidos pelos agricultores. Isto é, a produção para autoconsumo é interpretada como geradora da segurança alimentar, por conter uma qualidade nutritiva considerada por Menasche (2003), como superior aos alimentos da cidade. Este princípio é justificado devido à atividade ser realizada majoritariamente de maneira agroecológica.

Por fim, a definição da segurança alimentar em relação aos hábitos alimentares. Pois ao autoconsumir, as famílias podem escolher quais alimentos produzir segundo seus gostos, costumes familiares e portam a sabedoria necessária para cultivá-los. Ou seja, a alimentação das pessoas, está de acordo com a sua cultura alimentar (MALUF et al., 2004).

### 2.3 O ENFRAQUECIMENTO DO AUTOCONSUMO: AS TRANSFORMAÇÕES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Em contraste ao lado positivo do autoconsumo, muitos estudos demonstram um enfraquecimento cada vez maior da atividade. Como é o caso de Canepelle et al. (2018), que ao estudar as mudanças da agricultura familiar no município de Crissiumal no Rio Grande do Sul, constatou uma diminuição significativa da área destinada à produção de alimentos para o consumo familiar, devido a diminuição do número de integrantes das famílias rurais.

O mesmo autor constatou que o número de variedades cultivadas para alimentação das famílias rurais estudadas é inferior se comparando a anos anteriores. Desta forma, os agricultores se tornaram muito dependentes, dos alimentos oferecidos pela indústria, influenciando seus hábitos alimentares.

Na região do Alto Uruguai no Rio Grande do Sul, as mudanças mais significativas na produção para autoconsumo, parecem ter ocorrido à medida que a agricultura familiar incorporou um conjunto de inovações tecnológicas, em um processo geral de modernização da agricultura como descrito por Gazolla (2004):

Este processo de transformações técnico-produtivas fez com que o agricultor familiar modificasse a sua lógica de reprodução social, no sentido de que este passou a desenvolver sistemas produtivos altamente específicos, como no caso da soja, milho, trigo, fumo etc. Isso decorre de um privilegiamento das atividades produtivas rentáveis e mercantis, em detrimento da produção para autoconsumo, que não gera uma renda monetária perceptível aos agricultores (GAZOLLA, 2004).

Ainda segundo Castro (2001), os principais cultivos agrícolas na região Noroeste do estado, no passado eram para a subsistência familiar e venda de seus excedentes. Hoje, a produção de soja e leite podem ser consideradas as principais atividades da agricultura das regiões Noroeste e Norte do Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, ao estudar sobre as tentativas governamentais de solucionar o problema do enfraquecimento do autoconsumo, Gazolla (2004) concluiu que tanto o Pronaf, quanto iniciativas locais, não estão conseguindo intervir e estimular os agricultores familiares a retomar a produção para autoconsumo.

Outro elemento que pode se acrescentar às causas do enfraquecimento da atividade, durante muito tempo permaneceu a convicção de que a produção para o autoconsumo, tratava-se de uma atividade atrasada ou antieconômica, cujo esforço em mantê-la não valeria a pena, dada a sua pequena relevância econômica (GAZOLLA; SCHNEIDER, 2006).

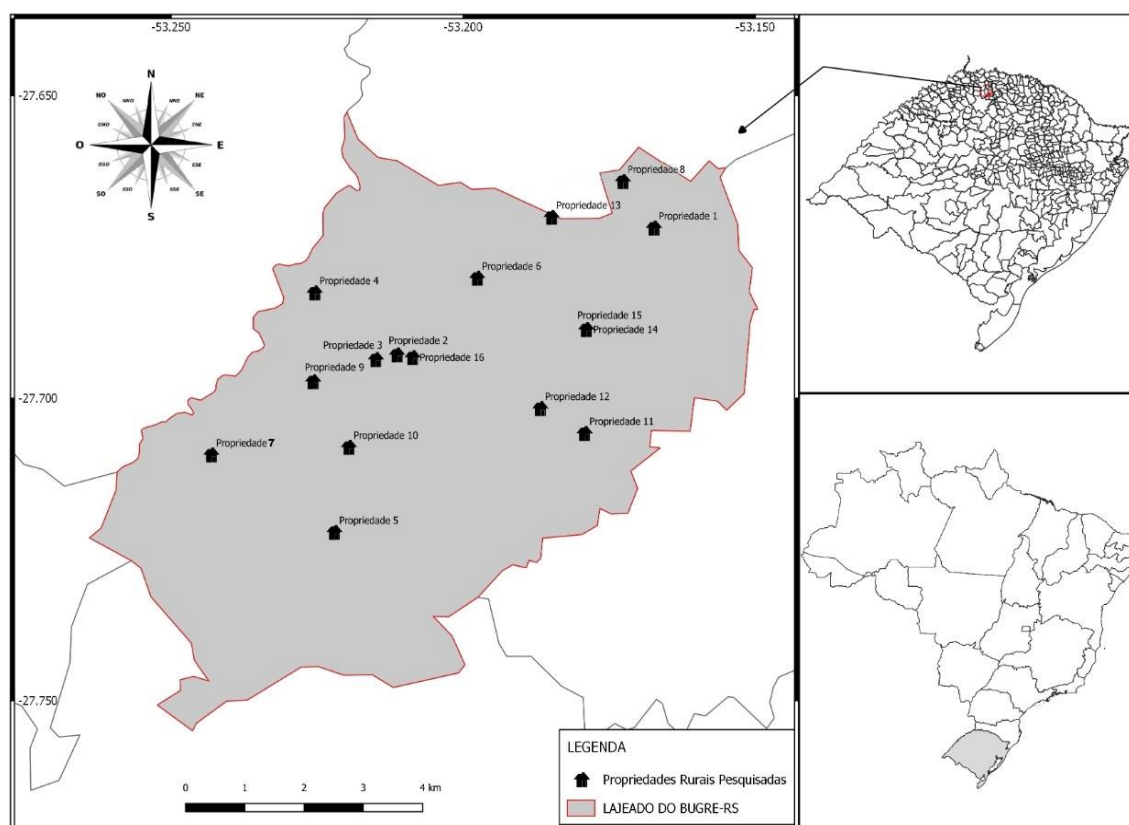
Em relação à pesquisa brasileira, Batalha; Buainain e Sousa, (2005), consideram que muito pouco tem sido feito em termos de geração de conhecimento, que contemplem as particularidades da agricultura familiar. Isso evidencia-se sobretudo no que diz respeito ao autoconsumo, uma vez que essa quando comparado com as demais atividades, é considerada a menos importante (DORIGON; RENK, 2013), o que a torna uma atividade cada vez mais marginal.

### 3 METODOLOGIA

#### 3.1 COLETA E ANÁLISE DE DADOS

A pesquisa foi realizada em 16 unidades de produção agrícola familiar (UPA's) e 3 técnicos de assistência técnica e extensão rural (ATER) do município de Lajeado do Bugre, região Noroeste do estado do Rio Grande do Sul. A seleção das UPA's passou por consulta com esses mesmos agentes de ATER. Os critérios principais foram: i) representatividade das famílias de acordo com o estudo e ii) acessibilidade para levantamento de dados. A Figura 1 mostra a localização municipal, assim como a das UPA's pesquisadas.

Figura 01 – Localização do município e das UPA's.



Fonte: Autor, 2019. Programa QIGS, Desktop. Versão 3.8.0 .

A coleta dos dados foi realizada com o auxílio de questionários semiestruturados (Apêndices 1, 2 e 3), aplicados durante as visitas nas unidades de produção familiar, e no escritório municipal da Emater.



Como já mencionado, o estudo foi dividido em três partes: 1º) Aplicação de questionário aos agricultores que tem uma alta produção de autoconsumo (autoconsumo forte); 2º) Às famílias que produzem pouco (autoconsumo fraco) e; 3º) Aos agentes de ATER. Cabe ressaltar, que em nenhum momento a identidade dos participantes foi revelada.

Em um primeiro momento, foram visitadas 8 famílias que mantêm a atividade de autoconsumo como um ponto forte da UPA. Neste momento, foram levantadas informações sobre a diversidade produtiva, a quantidade (kg) produzida, a mão de obra utilizada e consumo familiar. Os dados levantados foram relativos ao ano de 2018.

Em um segundo momento, foram visitadas 8 famílias que produzem pouco ou nenhum produto para o autoconsumo. Este grupo foi muito importante para identificar características associadas ao desinteresse dessas famílias com a atividade.

Em um terceiro e último momento, foram aplicados questionários aos 3 técnicos de ATER pública do município, a fim de se identificar a sua percepção sobre o autoconsumo de uma maneira geral no município, em relação as dificuldades, vantagens e desvantagens da atividade, bem como, cruzar as suas respostas com os dados obtidos nas entrevistas com as famílias.

Para a escolha das famílias que produzem pouco, foram estabelecidas regras à sua escolha. i) ter diversidade de até 5 produtos de autoconsumo ou, ii) ter diminuído expressivamente o autoconsumo nos últimos anos, tanto em quantidade, quanto em diversidade. A partir dos critérios pré-definidos, os técnicos da Emater indicaram propriedades com sistemas de produção e área produtiva representativos do perfil da agricultura familiar em Lajeado do Bugre.

Após elaborados, projeto e questionários, foram submetidos ao Comitê de Ética em Pesquisas da Universidade Federal da Fronteira Sul (CEP-UFFS), e aprovados no ano de 2019, através do parecer consubstanciado do CEP, número 3.336.360 (CAAE: 11523419.8.0000.5564). O Termo de Consentimento está em Apêndice 4.

Na análise dos dados coletados, optou-se pela metodologia quantitativa conjugada com a qualitativa. Nesse sentido, foi realizada a análise descritiva dos dados e teste de médias t de Student (para amostras independentes), com nível de significância de  $p < 0,05$ , por meio do software Microsoft Office Excel 14.0.

### 3.2 MENSURANDO A PRODUÇÃO

Segundo Grisa; Gazolla; Schneider (2010), uma das primeiras dificuldades ao estudar o autoconsumo situa-se em como mensurar esta produção. A exemplo do conceito utilizado na pesquisa: “Agricultura familiar, desenvolvimento local e pluriatividade: a emergência de uma nova ruralidade no Rio Grande do Sul” (SACCO DOS ANJOS; SCHNEIDER, 2003), o presente estudo considera o autoconsumo na sua forma alimentar familiar, ou seja, a parte da produção animal, vegetal e transformação caseira produzida pela família e consumida por esta. Adiciona-se a essa pesquisa, duas atividades a serem contabilizadas: 1º) as plantas medicinais a exemplo da pesquisa de Garcia Filho (1999) e; 2º) seguindo a metodologia de Maluf (2003) a produção extrativista de lenha.

Avançando um pouco, em relação à pesquisa de Sacco Dos Anjos e Schneider (2003), os alimentos autoconsumidos, também foram discriminados não só quanto à sua origem (animal e vegetal), mas também classificados em: hortaliças, frutas, processados, medicinais, temperos, grãos, sementes, fibra vegetal, colmo e lenho. Este levantamento ocorreu através do questionário que considerou a quantidade consumida mensal e anual.

Outro ponto utilizado para o levantamento da produção, considera como produção total de autoconsumo a quantidade consumida pela família, a doada (LEITE, 2004) e por fim, a trocada com vizinhos. O resultante desta operação refere-se à produção para o autoconsumo.

A última questão é referente ao cálculo utilizado para mensurar o autoconsumo, ou seja, situa-se em que valor atribuir a estes alimentos. Como mencionado por: Grisa; Gazolla; Schneider (2010), entre os estudos brasileiros, a metodologia mais assídua é a utilizada por Garcia Filho (1999), que considera os preços ao consumidor, ou seja, valor que teriam, caso tivessem de ser comprados no mercado local. Ainda segundo Garcia Filho (1999), é somente com base no preço de mercado que as unidades familiares conseguem calcular se é compensador produzirem ou não para o autoconsumo.

Considerando isso, para o cálculo da renda bruta de subsistência, fez-se uma pesquisa em mercados locais (no município de Lajeado do Bugre) para estimar quanto a família gastaria se deixasse de produzir na UPA e adquirisse os produtos no comércio local.

Na pesquisa dos preços de mercado, para alguns produtos não encontrados nos comércios locais, como é o caso do Guabiju, Araticum, Cereja nativa, Araçá, Pitanga, entre outros produtos incomuns, foi utilizada a metodologia sugerida por Sacco Dos Anjos e Schneider (2003), na qual, mensurou-se o preço de venda dos produtos conforme relato do próprio produtor, ou seja, por quanto ele venderia determinado produto.

Para estimar o consumo intermediário (mais informações na seção 3.3) foram considerados os custos de produção informados pelos agricultores. Em alguns casos, no entanto, os agricultores desconheciam seus custos de produção. Como exemplo, pode se citar a cultura do feijão e do milho, nos quais, os agricultores afirmaram não ter conhecimento sobre os custos que tinham para a produção de autoconsumo, visto que muitos comercializavam parte desses. Neste caso foram utilizados dados de custos estimados para a safra de 2017/2018 pela CONAB e IMEA (2018), ambos para produção em sequeiro e média tecnologia no estado do Rio Grande do Sul.

### 3.3 CÁLCULO DA RENDA AGRÍCOLA

Embora considerado por Grisa; Gazolla; Schneider (2010), como muito difícil mensurar a renda agrícola (RA) do autoconsumo (segundo eles o que se faz neste tipo de pesquisa é estimar apenas o produto bruto - PB). Este estudo levantou dados que tornaram possível calcular a renda agrícola da atividade, isto é, a renda final após subtrair os fatores de produção.

Para tanto, o cálculo da renda agrícola teve como referência o ano de 2018, sendo utilizado o modelo do Valor Agregado. As informações necessárias para o cálculo incluem: Produto bruto (PB); Consumo Intermediário (CI); Distribuição do valor agregado (DVA); e a depreciação das instalações e equipamentos (D) (Equação 03).

O levantamento do produto bruto (PB), se deu pela coleta de dados sobre o a quantidade autoconsumida, de cada produto, multiplicado pelo seu respectivo preço de mercado (LUCCA; DA SILVA, 2012).

O consumo intermediário (CI) representa o valor dos insumos e serviços destinados ao processo de produção, sendo eles sementes, fertilizantes, combustíveis, medicamentos, entre outros, consumidos durante o ciclo de produção. O CI geralmente representa um dos componentes mais importantes à gestão (LUCCA; DA SILVA, 2012).

Outro componente importante às despesas é a depreciação (D) dos bens, sejam eles máquinas, equipamentos e benfeitorias utilizadas na atividade (Equação 01).

$$\text{Equação 01: } D = \frac{(\text{Valor de novo} - \text{Valor residual})}{\text{Vida útil}}$$

A distribuição do valor agregado (DVA), presente na equação 02, é o último elemento considerado no cálculo da renda agrícola. Ele corresponde às despesas relacionadas ao pagamento de juros pagos a bancos (J), salários com a contratação de mão de obra (S), custos com arrendamentos de terras (T) e impostos e taxas pagos ao estado (I).

$$\text{Equação 02: } DVA = J + S + T + I$$

Tais informações tornam possível estimar a renda agrícola (RA) da propriedade. A equação 03 apresenta o modelo do valor agregado, composto pelo produto bruto (PB), consumo intermediário (CI), depreciação (D) e distribuição do valor agregado (DVA).

$$\text{Equação 03: } RA = PB - CI - D - DVA$$

### 3.4 ESTIMANDO A MÃO DE OBRA

Neste tópico está descrito o método utilizado para a estimar o saldo da mão de obra, isto é, a demanda da atividade *vis-à-vis* oferta familiar. A demanda levou em conta a utilização de mão de obra, em horas de trabalho homem (HTH) e dias de trabalho homem (DTH) por cultura. Essas informações foram disponibilizadas pelos agricultores durante as entrevistas.

No entanto, em relação as plantas medicinais, foi padronizado o tempo demandado de trabalho, em 4 horas anuais por cultivo ou espécie. O valor representa uma média entre as respostas das famílias entrevistadas e as atividades realizadas neste tipo de cultivo, as quais incluem manejos culturais, colheitas, secagem e armazenamento em locais apropriados.

Por outro lado, para a disponibilidade considerou-se:

- I. Quantidade de pessoas aptas a trabalhar de acordo com a idade;
- II. Período trabalho de 8 horas por dia;
- III. 26 dias trabalhados no mês, excluindo-se domingos e;
- IV. 11 meses trabalhos por pessoa/ano.

A disponibilidade de mão de obra foi calculada, de acordo com a faixa etária, através dos critérios descritos por Lima et al., (2001), presentes na tabela 01. É importante ressaltar

que, ocupações não agrícolas, tais como trabalho na cidade ou estudo, foram descontadas da disponibilidade de mão de obra quando foi o caso. Por exemplo, uma pessoa que trabalha ou estuda pela manhã somente tem 4 horas disponíveis para trabalhar na UPA.

Tabela 1 – Unidades de trabalho homem (UTH) por faixa etária.

Faixa etária	UTH
14 a 17 anos	0.65
18 a 59 anos	1.0
≥ 60 anos	0.75

Fonte: Lima et al. (2001)

Nota: 1 UTH corresponde a 1 DTH (1 pessoa adulta em uma jornada de trabalho de 8 horas).

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

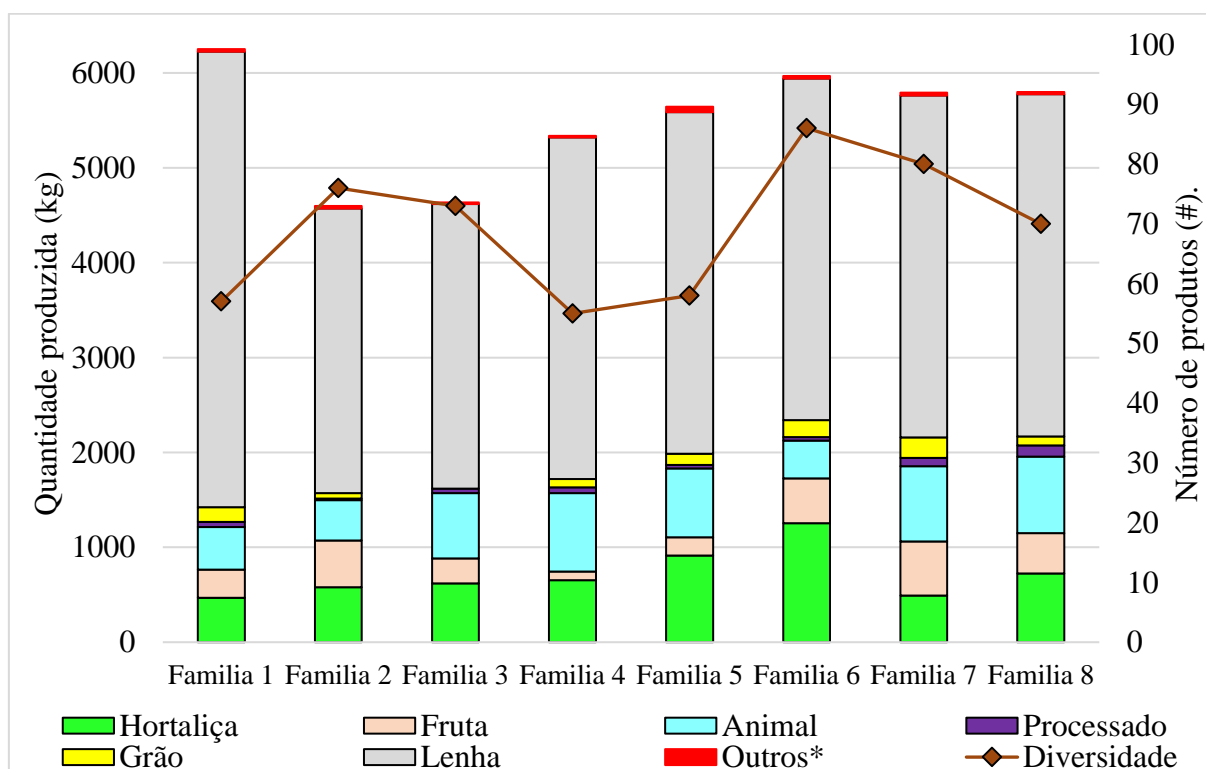
### 4.1 AUTOCONSUMO FORTE

#### 4.1.1 Diversidade, quantidade produzida e principais características

A atividade demonstrou grande diversidade. No total são 169 produtos, divididos em: 47 frutas, 39 hortaliças<sup>1</sup>, 35 medicinais, 13 animais, 13 processados, 12 temperos, 5 grãos, 2 fibras vegetais, 1 colmo, semente e lenha. A tabela completa de todos os alimentos e sua respectiva classe e preço, estão no Apêndice 5.

A média de produtos por família, foi de 69,4. A família 6 teve a maior diversidade contabilizada, com um total de 86, já a família 4 teve a menor diversidade totalizando 55 produtos. O Gráfico 1 mostra com maior clareza todos os resultados.

Gráfico 1 – Diversidade de produção e quantidade (kg) produzida.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\* Referente a produção de plantas medicinais, temperos, sementes, fibra vegetal e cana-de-açúcar.

<sup>1</sup> A definição de hortaliça seguiu a definição da Resolução RDC nº 272 da Agência de Nacional de Vigilância Sanitária. A qual considera como hortaliça a planta herbácea da qual uma ou mais partes são utilizadas como alimento na sua forma natural, compreendendo as frutas, raízes, tubérculos, rizomas, caules, folhas, flores, frutos e sementes (BRASIL, 2005).

O Gráfico 1 indica não haver correlação entre diversidade e quantidade produzida. Logo, as diferenças na quantidade consumida não se justificam pelo aumento ou redução da diversidade, mas por diferenças nas quantidades consumidas dos produtos identificados. A Família 1, por exemplo, apresenta a maior produção que, no entanto, deve-se ao maior consumo de lenha.

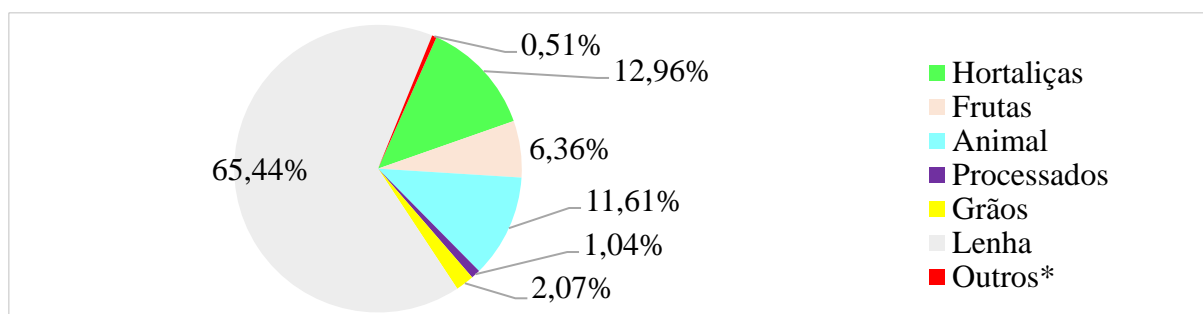
A grande quantidade e diversidade produzida contribui para uma oferta estável de alimentos ao longo do ano, o que contribui com o descrito pela FAO (2013), no Plano de Segurança Alimentar, Nutrição e Erradicação da Fome da CELAC (Estados Caribenhos e Latino-Americano) até 2025, o qual afirma ser indispensável o bem-estar nutricional e garantia de nutrientes, respeitando a diversidade de hábitos alimentares, bem como a oferta estável de alimentos.

Outro ponto relevante em relação a quantidade e diversidade de alimentos, é que muitos desses, são destinados à familiares próximos, que habitam em áreas urbanas, contribuindo também com a segurança alimentar destes, o que se evidencia na fala de uma entrevistada:

Aqui a gente produz tudo pensando mais nas nossas crianças do que em nós, se não, o que eles ganham lá não dá pra nada. Vai feijão, carne, ovos, verduras... mandamos de tudo. E batata e mandioca então! Nem se fala, é o que mais levam. (Agricultora, 62 anos)

O Gráfico 2 apresenta a participação relativa das diferentes classes de produtos no autoconsumo. A lenha é o item mais consumido, enquanto as produções de temperos, medicinais, sementes, fibra vegetal e cana de açúcar representam uma pequena quantidade.

Gráfico 2 – Participação (%) de cada classe na quantidade consumida (kg) de autoconsumo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*Outros: Referente a produção de plantas medicinais, temperos, sementes, cana de açúcar e fibra vegetal.

Outro aspecto importante é a qualidade nutricional dos alimentos. Dos 175 produtos, 153 (87%), são produzidos sem a utilização de agrotóxicos e adubação sintética. O que é

semelhante aos resultados de Grisa, Gazolla, Schneider (2010), porém diferenciando-se do estudo de Menasche (2003), o qual constatou que nenhum alimento era utilizado agrotóxico.

Dessa maneira, concordando com Canci (2010), as vantagens do autoconsumo vão além da capacidade de ampliação de renda, apresentando também significados relacionados a garantia de alimentos saudáveis, na maioria dos casos, sem adubos químicos altamente solúveis e livre de agrotóxicos potencializando produções com princípio agroecológico.

Como também observado por Grisa, Gazolla, Schneider (2010), a produção de autoconsumo é considerada pelas famílias como geradora da segurança alimentar, por conter uma qualidade superior à dos alimentos comprados, como se nota:

São os mais saudáveis que existe, os do mercado a gente não sabe de onde vem (Agricultor, 42 anos)

É importante ressaltar que 100% das famílias estudadas (com e sem autoconsumo) e os extensionistas do município reconhecem tais produtos como alimento saudável e, que a partir dele se tem uma valorização cultural, sendo o autoconsumo uma atividade indispensável para as famílias de pequenas propriedades, que desejam permanecer e ter sucesso no campo.

Outro ponto interessante, é comparar esses dados, com o padrão alimentar dos brasileiros, que segundo Silva, Coelho (2014), é caracterizado pela baixa ingestão de alimentos saudáveis, uma vez que a aquisição de frutas e hortaliças corresponde a apenas um quarto do sugerido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2002), e Instituto Nacional de Câncer - INCA (INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER, 2007), que recomendam para os indivíduos um consumo de, pelo menos, cinco porções (no mínimo 400g) de hortaliças sem amido e de frutas variadas todos os dias.

Neste estudo, visualizou-se um consumo *per capita* de 624,15 gramas/dia<sup>2</sup>, valor acima do mínimo recomendado, o que ressalta a importância do autoconsumo na promoção da saúde familiar, uma vez que o INCA, enfatiza a importância do consumo de frutas, legumes e verduras para a prevenção das doenças crônicas não transmissíveis (obesidade, câncer, diabetes, hipertensão arterial, acidentes cerebrovasculares, osteoporose etc.) e o baixo peso, por esses alimentos conterem quantidades substanciais de fibra dietética, uma variedade de micronutrientes e terem baixa ou relativamente baixa densidade energética (INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER, 2007).

---

<sup>2</sup> Considerados para o cálculo: Frutas, hortaliças folhosas (incluindo temperos), e alguns tubérculos e raízes, excluindo-se as classificadas como amiláceas (mandioca e batata doce), segundo Leonel (2015).



Além disso, a atividade fortalece as relações com vizinhos e demais familiares, pois como descrito por alguns agricultores, há constante troca de produtos, como meio de relacionar-se com outras pessoas e não ficar muitas vezes isolado, visto que muitos moram em locais distantes da cidade ou comunidades, tendo em grande parte dos dias, a vizinhança como único meio de socialização.

Ano retrasado ganhamos sementes de abóbora do vizinho, deu uma abóbora que pesava uns 50kg, uma pessoa sozinha não erguia, até chamei ele pra ver. Nós aqui levamos conserva de pepino, figo, verdura... pra eles e pros outros vizinhos. É porque um ano que não produz aqui eles produz lá e assim vai (Agricultora, 63 anos).

Relações como essa, segundo Grisa (2007), alimenta a sociabilidade e reciprocidade contribuindo para a coesão da estrutura social. “Fortalece a identidade social dos agricultores conferindo legitimidade e reconhecimento perante os demais”.

A mulher teve destaque em relação a atividade, sendo citada em vários momentos como a principal responsável pela manutenção dos cultivos, principalmente no que diz respeito a produção de hortaliças, temperos e plantas medicinais, concordando com o descrito por Dorigon e Renk (2013).

#### 4.1.2 Renda agrícola de autoconsumo

A renda agrícola média anual é de R\$ 10.006,02, o que corresponde a uma renda mensal de R\$ 833,83 por família, se aproximando a um salário mínimo. Mostrando-se como um ponto forte nas UPA's, no que diz respeito a economia (Tabela 2).

Tabela 2 – Valores médios (R\$) segundo dados das 8 famílias.

Variável	Média
Produto bruto	12.392,48
Consumo intermediário	1.774,31
Depreciação	614,48
DVA	0,00
RA anual	10.006,02
RA mensal	833,83

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Nota: DVA – Distribuição do valor agregado; RA – Renda agrícola;

Os dados assemelham-se aos de Gazolla (2004), no qual os valores anuais foram de R\$ 2.904,40, representando R\$ 242,03 por mês por família, isto é, em torno de um salário mínimo federal para o ano de 2004. Cabe ressaltar que Gazolla estimou apenas o produto bruto do

autoconsumo e não a renda agrícola, caso estimasse, certamente os valores seriam menores. Já para o estudo de Leite (2004), a renda anual familiar foi de R\$ 1.078,72 e de R\$ 89,89 por mês, valores inferiores aos do presente estudo.

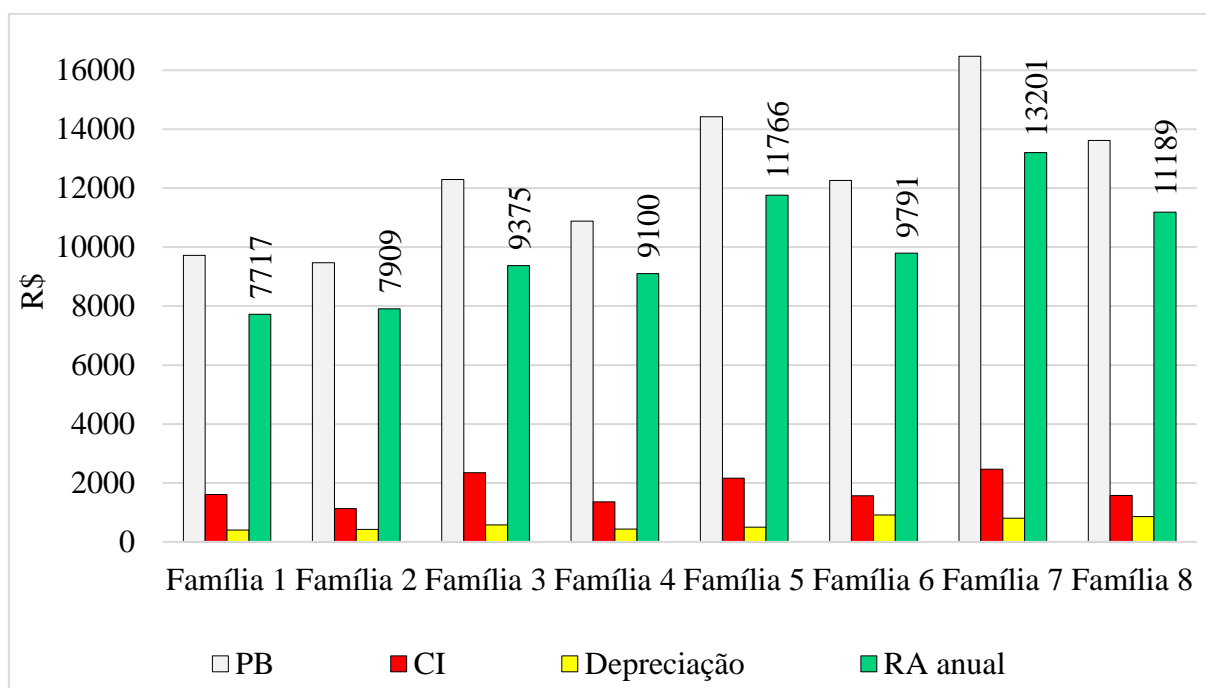
O consumo intermediário, está relacionado com a utilização de sementes, adubação, mudas, vidros para conserva, entre outros insumos. A tabela completa dos itens depreciáveis está em Apêndice 6.

A renda agrícola, e seus componentes, quando analisada de forma desagregada apresenta ampla variação entre as famílias estudadas (Gráfico 3). A variação pode ser explicada pelas diferenças sociais, quanto a idade, dependentes e disponibilidade de mão de obra familiar. Outro fato aliado a isso, é de que a atividade de autoconsumo, não pode ser analisada segundo apenas a sua eficiência econômica. Segundo Chayanov (1981), isso se deve ao fato, de os agricultores organizarem seu trabalho e produção, não apenas com finalidade de obter lucro, mas, sobretudo, de atender as demandas alimentares e o bem-estar de sua família. Como descrito:

Produzimos o que nós gostamos de comer, a carne de porco por exemplo, sai caro, mas o gosto é diferente. Meu marido se deixar come carne de porco todo dia, de meio dia e de noite (Agricultora, 63 anos).

A gente pode produzir o que quer, só faz bem pra saúde (Agricultor, 61 anos).

Gráfico 3 – PB, CI, Depreciação e a renda agrícola anual por família.

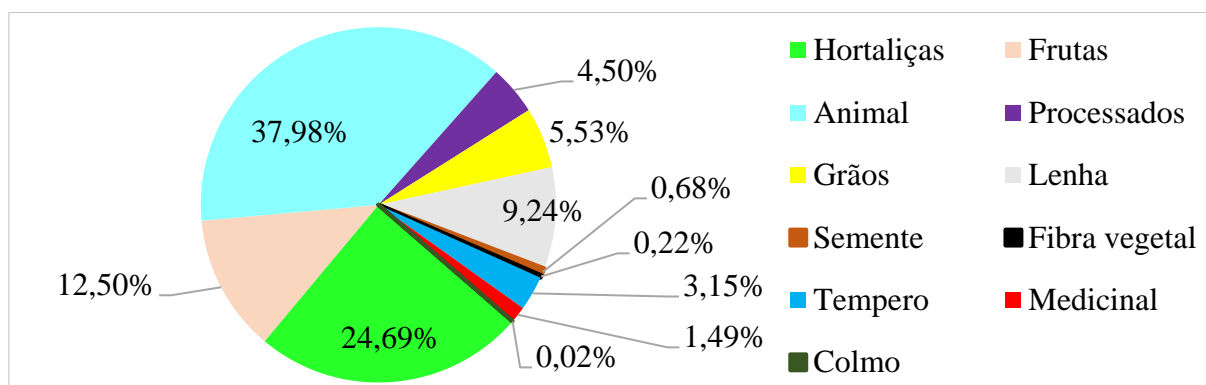


Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Nota: O DVA não está incluso, pois seu valor é zero.

Conforme o Gráfico 4, os principais elementos na composição da renda são os de produção animal (37%), hortaliças (24,7%), frutas (12,5%) e lenha (9,2%).

Gráfico 4 – Contribuição média (%) de cada classe na renda agrícola de autoconsumo.



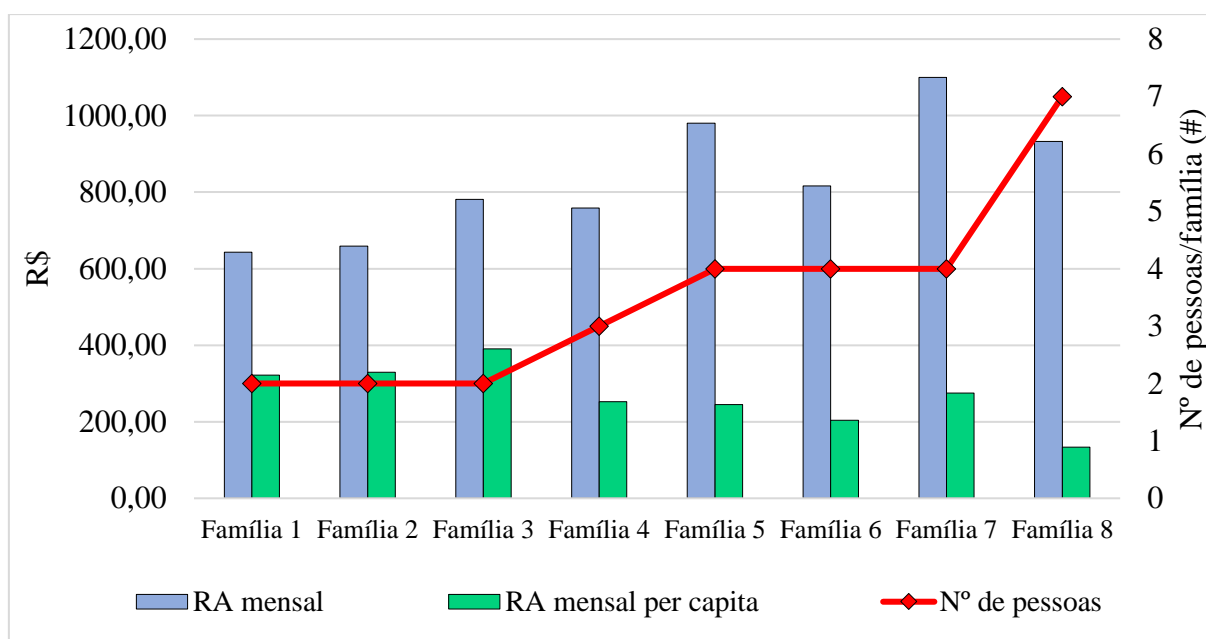
Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Percebe-se a importância dos produtos com alto valor agregado, que embora sejam produzidos em quantidades relativamente pequenas tem importante contribuição para geração de renda familiar (OLIVEIRA, 1999). Por exemplo, do grupo processados (consumo 1% e renda 4,5%) e animal (consumo 11,61% e renda 37,98%).

#### 4.1.2.1 Renda agrícola per capita

Considerando a média de 3,5 pessoas por família, a renda per capita foi de R\$ 238,24 ou 25% do salário mínimo nacional, resultado aproximado ao estudo de Gazolla (2004), de R\$ 60,50 por mês (25% do salário mínimo de 2004). O Gráfico 5 faz uma comparação entre RA mensal de autoconsumo e RA *per capita* de autoconsumo.

O Gráfico 5 indica que a medida em que aumenta o número de pessoas/família, há uma tendência de aumento da RA de autoconsumo, porém, esse aumento é inferior quando comparado ao aumento da RA *per capita*. Ou seja, o aumento da RA total é inversamente proporcional a RA per capita para o caso estudado.

Gráfico 5 – Relação entre tamanho da família, RA mensal e *per capita* de autoconsumo.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

Nota: RA – Renda agrícola.

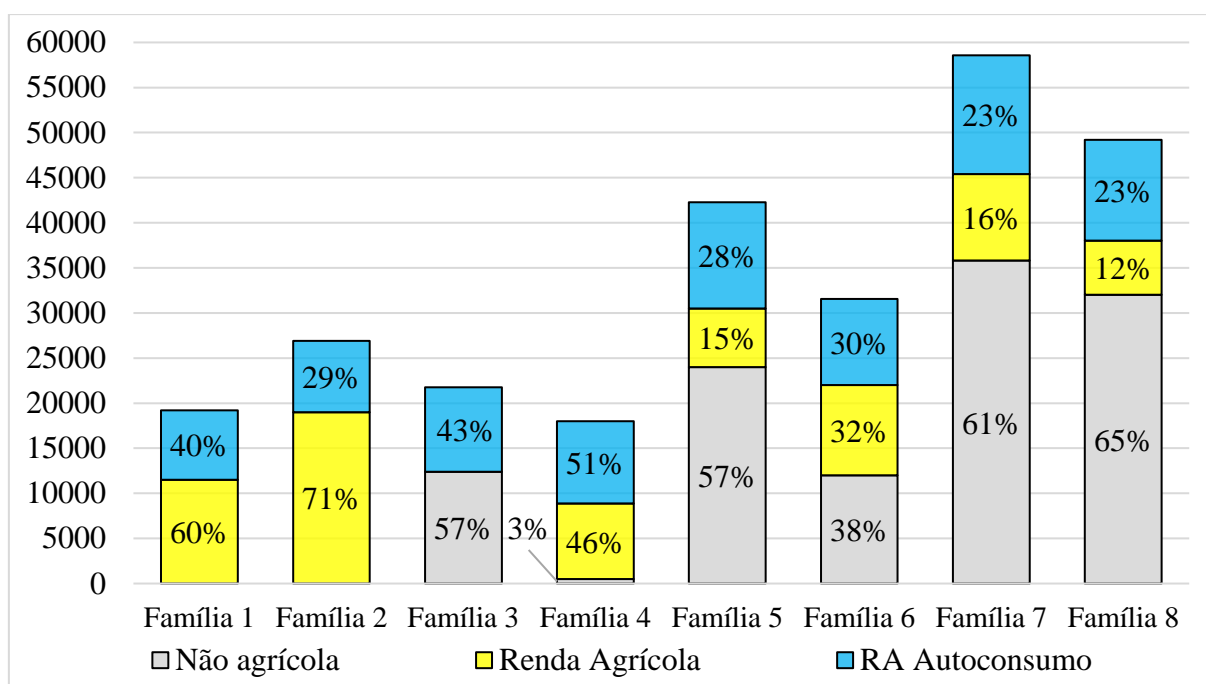
A tendência de aumento da RA de autoconsumo, relacionado ao aumento da quantidade de pessoas aptas a trabalhar na família (foi observado, que famílias maiores, detinham mais UTH's), concorda com a tese de Chayanov (1974), na qual diz que, à medida em que aumenta o número de UTH's, aumenta o valor do produto bruto de autoconsumo. Isto é, um número maior de pessoas trabalhando em casa, permite uma melhor distribuição das tarefas.

No entanto, segundo Chayanov (1974), se tratando do número de consumidores, essa correlação não foi observada. Isso é evidenciado com uma análise entre a família 7 e 8, pois o número de pessoas aumentou, porém o número de UTH's, e consequentemente a RA não.

#### 4.1.2.2 Contribuição do autoconsumo na renda familiar

A contribuição média da RA de autoconsumo, na renda agrícola e na renda total da família foram respectivamente 57% e 33%. Em média, o autoconsumo representa uma renda maior à família do que a renda agrícola das demais atividades. Esses dados, se mostraram superiores aos valores médios da população amostrada por Grisa (2007), que demonstram uma contribuição do PB do autoconsumo sobre a renda agrícola e total, em média de 28,88% e 27,24%, respectivamente. Cabe lembrar que neste estudo, foram escolhidas UPA's que mantinham uma alta produção, diferindo do trabalho de Grisa, que não realizou essa distinção.

Gráfico 6 – Participação do autoconsumo na renda agrícola familiar



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

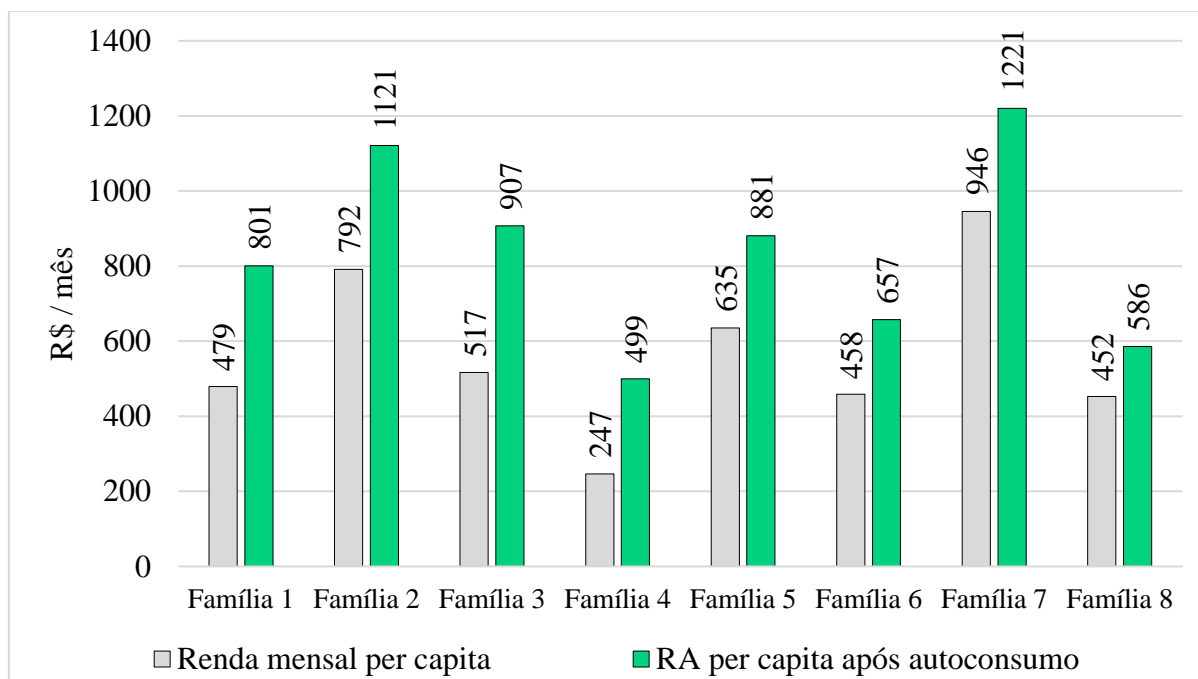
Nota: RA – Renda agrícola

O autoconsumo, em 6 das 8 das famílias, representa mais de 50% da renda agrícola familiar, chegando a 100%, no caso da família 3 (ver depoimento abaixo), ou seja, nesses casos, a RA de autoconsumo é maior que a RA das atividades voltadas ao mercado (Gráfico 6).

Aqui a gente não vende nada, daí se não produzir pro gasto o aposento não da pra nada (Agricultora, 63 anos).

Isso mostra a importância do autoconsumo na geração de renda, pois na maioria dos casos, a renda agrícola familiar, por si só, não atinge 10 mil reais anuais, o que, segundo a média de 3,5 pessoas/família, representa R\$ 238 mensais *per capita*. A RA de autoconsumo, foi menor que as demais rendas agrícolas, apenas nos casos em que as famílias não possuíam rendas externas, isto é, que tiram o seu sustento apenas da agricultura.

O Gráfico 7 demonstra um aumento importante na renda *per capita* total da família, o que coloca o autoconsumo como alternativa de renda para esse grupo de agricultores, uma vez que representou crescimento de até 100%, no caso da Família 3, que além do autoconsumo, para geração de renda, tem uma pequena produção de leite e auxílio governamental, recebendo ≈40R\$/mês através de programas governamentais.

Gráfico 7 – Contribuição do autoconsumo na renda mensal *per capita* familiar.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

#### 4.1.2.3 RA de autoconsumo e mão de obra familiar

A oferta média em dias de trabalho homem (DTH's) é de 656,5. Outro aspecto positivo da atividade é a demanda relativamente baixa de mão de obra, em torno de 262,30 DTH, com um saldo de 394,2 DTH's, dos quais a família terá livre para realizar outras atividades, sendo que ainda, podem usufruir de folgas, feriados, e escolher o melhor momento para sua realização.

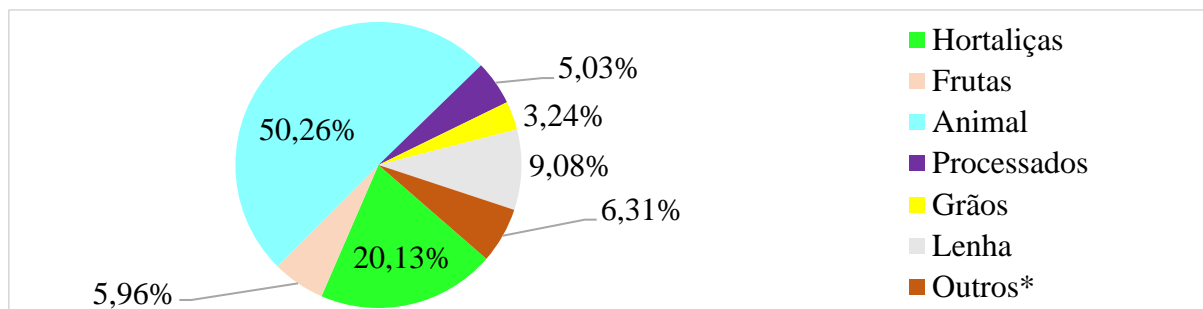
A remuneração média por DTH foi de R\$ 38,10. Segundo o Gráfico 8, a produção de animais é a que mais demanda mão de obra, porém ao mesmo tempo, detém a maior remuneração. A sequência de remuneração da melhor à pior por dia de serviço foram: 1º) Fibra vegetal (119,6 R\$/DTH); 2º) Frutas (79,40 R\$/DTH); 3º) grãos (64,60 R\$/DTH); 4º) tempero (47,7 R\$/DTH); 5º) Hortaliças (46,41 R\$/DTH); 6º) Lenha (38,50 R\$/DTH); 7º) Processados (33,80 R\$/DTH); 8º) Animal (28,60 R\$/DTH); 9º) Sementes (28,45 R\$/DTH); 10º) Medicinal (21,29 R\$/DTH) e 11º) Cana-de-açúcar (8,00 R\$/DTH).

A baixa renda da cana, se dá pelo baixo preço recebido pelos agricultores, bem como pela demanda de mão de obra informada, relativamente alta, se comparar com a quantidade consumida.

A baixa renda diária conseguida com a produção de autoconsumo, concorda com a tese de Chayanov (1981), já descrita no item 4.1.2, na qual o autoconsumo, não pode ser analisado como uma empresa que busca apenas lucro, mas, sobretudo, de atender o bem-estar de sua

família e viabilizar a sua reprodução social. Cabe ressaltar, que foram considerados os preços de produtos convencionais, caso fossem contabilizados pelos preços dos alimentos orgânicos, certamente a remuneração seria maior.

Gráfico 8 – Participação (%) de cada atividade na demanda de mão de obra de autoconsumo.



Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\* Referente a produção de plantas medicinais, temperos, sementes, cana-de-açúcar e fibra vegetal.

#### 4.1 AUTOCONSUMO FRACO

Entre as famílias onde o autoconsumo é fraco o inexistente, observou-se que o desinteresse com a atividade geralmente está associado ao fato de que, mulher e filhos estão envolvidos em outras atividades, ou seja, trabalham na cidade e obtêm rendas não agrícolas.

Das 8 famílias entrevistadas, em 4 situações as mulheres trabalham fora sendo que uma delas também estuda. Apenas na Família 8 a mulher permanece na propriedade, sendo ela viúva e aposentada. Nas outras 3 famílias não se têm a presença feminina na UPA, sendo que em uma delas o filho também trabalha fora. Esse fato ajuda a explicar a ausência do autoconsumo, uma vez que segundo Dorigon e Renk (2013, p 15); Menasche, Marques e Zanetti, (2008), são essas pessoas, as “forças marginais” as maiores responsáveis em desenvolver a atividade.

O fato de as mulheres não participarem da produção de autoconsumo, faz com que as propriedades abandonem a atividade, pois culturalmente a figura feminina é remetida aos serviços denominados do “lar”, o que entre outras, inclui a produção de autoconsumo vistas como “atividades invisíveis” (BRUMER, 2004, p 211), ou seja, às atividades que não trazem dinheiro vivo ao bolso do agricultor no final de cada mês ou safra. Quando esses serviços não fazem mais parte da rotina da mulher eles ficam esquecidos e deixados de lado.

Em consequência disso, a maior dificuldade encontrada por essas famílias em manter o autoconsumo é a baixa disponibilidade de mão de obra, situação relatada em 100% das entrevistas. Segundo os agricultores, esse motivo foi crucial ao abandono ou diminuição da produção de autoconsumo, uma vez que a pouca mão de obra disponível fica dedicada

integralmente a atividades como bovinocultura de leite ou produção de grãos, pois às consideram como de maior importância econômica para a família.

Na maioria das famílias que as mulheres trabalham fora, o retorno financeiro da atividade é equivalente a um salário mínimo nacional por mês (R\$1.000). Em um dos casos, essa renda é ainda menor, porém, mesmo com uma remuneração baixa, elas preferem trabalhar fora, ter o seu próprio dinheiro e ajudar com as despesas da casa. Muitas vezes, esse pensamento está associado ao fato de que a mulher quer ter a sua importância reconhecida dentro da UPA. Assim, ela deixa de ser a pessoa “sem renda” e passa a ajudar nas despesas da casa. Outro ponto, tido por elas como de igual importância, é em ter o seu próprio dinheiro, sendo para muitas uma conquista “não depender do dinheiro do marido”.

Ressalta-se ainda, que em um dos casos, ambos, homem e mulher, trabalham fora, pois segundo ele, o emprego que conseguiu tem estabilidade e isso dá um retorno financeiro todos os meses. Segundo ele:

Eu produzia gado de corte, plantava feijão e miho pra venda e umas coisas pro gasto, mas cada vez sobrava menos e como temos pouca terra, surgiram os problemas financeiros e aos poucos fui parando com tudo, tive que achar outro serviço pra sustentar a família e hoje arrendamos a terra. Eu e a mulher não temos tempo, ficamos o dia fora, ainda temos as crianças pequenas para cuidar no tempo que sobra. Pra nós é mais viável ficar no serviço, mesmo que não sobre tempo pra produzir pro gasto, pois a renda é melhor, temos férias e 13º (Agricultor, 36 anos).

Quando questionados sobre ser mais viável comprar ou produzir alguns, relatos chamam a atenção, como é o caso desse agricultor que produz leite:

No tempo que eu tenho ½ ha de mandioca plantado, eu tenho ali duas vacas que no meu caso, me dá menos serviço e traz um retorno econômico melhor. Outro exemplo, eu compro um saco de feijão de 40 kg no ano, dá e sobra, daí eu te pergunto, e pra produzir esses 40 kg? Não é fácil né!? (Agricultor, 34 anos).

Por outro lado, não se pode atribuir o desinteresse com a atividade a uma, duas ou três questões. Para apenas um caso, são vários fatores que contribuem. Outro exemplo que chama atenção é de que uma das entrevistadas relatou ter vontade em produzir, mas que por um problema de saúde, na pele dos braços, ela tem que cuidar muito com o sol e, ao mesmo tempo com o manuseio de qualquer material ou ferramenta, pois segundo ela qualquer esbarrão pode causar lesões que demoram muito para melhorar.

É mais viável produzir do que comprar. Antigamente eu produzia de tudo, criei meus 5 filhos sozinha plantando mandioca, batata-doce, verduras, vaca de leite, buscava lenha no mato, o que dava vendia. Hoje produzo bem pouco, tenho medo de machucar meus braços. Daí se não tem, tem que comprar (Agricultora, 62 anos).



Com isso pode se observar duas questões fortes para o enfraquecimento da atividade, sendo a primeira a mais relacionada com a atratividade econômica e a segunda com problemas de saúde. Mas ao mesmo tempo, as duas relacionadas com problemas de mão de obra, cada vez mais escassa.

A família mais jovem, é formada por um casal com média de idade de 21 anos, nesse caso, ambos estudam fora, habitam no local há 4 anos e como destacado, produzem pouca coisa pela falta de tempo, pois ela, além de estudar à noite, trabalha fora. E ele se dedica integralmente a atividade de grãos, bovinos de corte e, possivelmente, peixes.

Outro aspecto interessante sobre a idade, é de que os jovens quando continuam na atividade agrícola, em sucessão aos pais, geralmente permanecem com o intuito de promover a geração de renda, sem, no entanto, reconhecer o autoconsumo como uma alternativa para atingir tal objetivo. Ao deixar o autoconsumo à margem, a família fica mais suscetível à insegurança alimentar e econômica, uma vez que dedicando-se a poucas atividades, o risco de quebras de produção e perdas econômicas, ocasionado por intempéries ambientais e flutuações de mercado, é bem maior.

Outro ponto a se destacar é que duas famílias com média de idade relativamente baixa, afirmaram que frequentemente buscam alguns produtos à sua alimentação na casa dos pais, os quais, mantêm a atividade de autoconsumo contribuindo com a segurança alimentar dos filhos.

Sobre as influências de políticas públicas dentro do autoconsumo, muitas das famílias desconhecem qualquer tipo de auxílio, programa ou incentivo governamental que estimule a produção de autoconsumo, a não ser os técnicos de ATER, que segundo algumas famílias, sempre estão estimulando as famílias a produzir.

## 4.2 AUTOCONSUMO FORTE *VIS-À-VIS* AUTOCONSUMO FRACO

### 4.2.1 Idade das pessoas aptas a trabalhar

Existe uma forte correlação entre a idade das pessoas que trabalham nas UPA's, e a atividade de autoconsumo. Ou seja, nas famílias de autoconsumo forte, as pessoas aptas a trabalhar, têm uma média de idade superior a aquelas de autoconsumo fraco. Tal diferença pode estar associada ao perfil do grupo mais velho (autoconsumo forte), que tende a ser mais avesso a atividades de risco (muitos são aposentados), além dos aspectos culturais/tradicionais associados ao papel da mulher na UPA.

Tabela 3 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável idade dos grupos.

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Idade das pessoas que desempenham atividades na UPA	30,7	18,7	46,6	17,7	0,0089

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão

#### 4.2.2 Renda familiar

Para as análises de renda *per capita*, antes e após o compute do autoconsumo, a média foi inferior para as famílias de autoconsumo forte (Tabela 4). Ou seja, mesmo ocorrendo uma diminuição da diferença de renda entre os grupos após o autoconsumo, as famílias que mantêm a atividade ainda assim, permaneceram mais pobres.

O autoconsumo neste caso, não foi suficiente para elevar o nível de riqueza das propriedades, ao mesmo das de autoconsumo fraco.

Tabela 4 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável renda (R\$).

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Renda <i>per capita</i> sem autoconsumo	1595,3	794,7	565,8	219,2	0,0077
Renda <i>per capita</i> com autoconsumo	1595,3	794,7	837,9	251,5	0,0331

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão

#### 4.2.3 Número de pessoas/família

O número de pessoas por família não apresentou diferença significativa entre os grupos (Tabela 5). Ou seja, que o autoconsumo não tem relação com o tamanho da família. Mas sim, segundo o tópico 4.4.1 (renda), relacionado com a renda das famílias, pois as de autoconsumo fraco, possuem renda *per capita* superior às de autoconsumo forte, assim, o maior poder aquisitivo, lhes possibilita, melhores condições para relacionar-se ao mercado.

Tabela 5 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável número de pessoas/família dos grupos.

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Número de pessoas/família	2,5	1,4	3,5	1,7	0,220

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p > 0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão

#### 4.2.4 Gasto mensal de mercado

O grupo de autoconsumo forte, demonstrou maior autonomia quanto às relações com o mercado. Isso evidencia-se pelo fato de que eles não dependem totalmente desse meio para alimentar-se. Assim em situações de preço alto podem substituir o produto comprado pela produção caseira existente (ex.: consumir a melancia caseira ao invés de comprar no mercado). Concordando com a tese de que, é por meio dessa produção que a família não depende, totalmente, do ambiente econômico que está inserido e, principalmente, não depende das suas flutuações, pois a produção segue da lavoura para casa (GAZOLLA, SCHNEIDER 2007).

O gasto médio per capita no grupo com autoconsumo forte foi de R\$ 97 (Tabela 6) Isso se deve ao fato de não ser possível produzir a totalidade dos produtos consumidos, a sazonalidade da produção, a imprevistos climáticos e a impossibilidade de armazenamento de alguns gêneros alimentares (GAZOLLA, SCHNEIDER 2007).

Tabela 6 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável gasto mensal de mercado.

Item analisado	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Gasto <i>per capita</i> mensal de mercado	298,1	137,7	97,0	34,2	0,0039

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p > 0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão

Ao comparar as populações, evidencia-se uma diminuição de 67,5% de custos com mercado das famílias de autoconsumo fraco para as famílias com autoconsumo forte. Grisa (2010) constatou que as UPA's deixam de gastar 38,34 % da renda total anual com a aquisição de alimentos nos mercados.

Segundo Guimarães (2008), o item alimentação é o que mais contribui para alta no custo de vida, principalmente para a população de baixa renda. Isso indica a grande importância dos alimentos na composição dos gastos familiares, os quais pesam mais para aquelas famílias de mais pobres (CANCI, 2010).

#### 4.2.5 Superfície agrícola útil (SAU)

A SAU não apresentou diferença estatística entre os grupos, ou seja, para esse estudo, o tamanho da propriedade não está relacionado com o (des)interesse com o autoconsumo (Tabela 7). Ainda segundo os agentes de ATER, essa relação para o autoconsumo de maneira geral, no município também não existe.

Tabela 7 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável superfície agrícola útil.

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Superfície agrícola útil (ha)	12,4	19,8	5,2	4,6	0,3440

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão

#### 4.2.6 Esforço físico (penosidade)

A percepção sobre a penosidade da produção para autoconsumo, entre os dois grupos estudados, é a mesma (Tabela 8). Ambos consideram que a atividade exige um alto esforço físico, atribuindo nota 7,4, de uma escala de 0-10, sendo 10 extremamente penoso (trabalho pesado) e 0 extremamente fácil (trabalho leve).

Tabela 8 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável esforço físico atribuído pelos agricultores, em uma escala de notas de 0 a 10.

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Esforço físico	7,4	2,4	7,4	3,1	1,0000

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão.

No grupo com autoconsumo fraco, o elemento mais importante associado ao desinteresse pela atividade foi a escassez de mão de obra, destacada por todas as famílias entrevistadas. Pelo lado do autoconsumo forte, 50% a consideraram como de alta demanda de mão de obra.

#### 4.2.7 Atratividade econômica da agricultura

As famílias estudadas percebem a atratividade das atividades agrícolas de forma similar (Tabela 9). Embora a análise econômica (Tabela 4) tenha demonstrado ser maior a RA do grupo com autoconsumo fraco. Segundo Ferrari et al. (2005), a baixa atratividade econômica, afeta negativamente os esforços voltados ao estímulo e valorização de atividades no espaço rural.

Tabela 9 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável atratividade econômica da agricultura, segundo notas atribuídas pelos agricultores em uma escala de 0 a 10.

Variável	Autoconsumo forte		Autoconsumo fraco		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Atratividade econômica da agricultura	5,0	2,7	5,6	1,3	0,5653

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p > 0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão.

Relacionado a esse tema, no que diz respeito as anotações, observou-se, de modo geral, uma grande carência na área de controle de custos, principalmente para a atividade de autoconsumo no qual apenas 25% famílias de autoconsumo forte, afirmaram realizar anotações. Já para as anotações de modo geral, 6 das 16 famílias (37,5%) afirmaram anotar, dado um pouco maior, porém ainda assim preocupante, uma vez que sem um controle mais preciso dos custos e das receitas, a família perde informações importantes para tomada de decisões e planejamento da UPA, podendo isso contribuir com a insatisfação econômica da família com agricultura.

#### 4.2.8 Sucessão familiar

O autoconsumo não se mostrou suficiente para aumentar as chances de sucessão familiar (Tabela 10). Apesar de não ocorrerem diferenças estatísticas entre os grupos, as famílias de autoconsumo fraco, obtiveram uma média maior de chances de sucessão. Isso se deve ao fato de que as rendas agrícolas da UPA de autoconsumo forte, são relativamente baixas, e por conseguinte as famílias são mais pobres do que aquelas, de autoconsumo fraco. A renda baixa pode funcionar como um incentivo a saída dos jovens do campo, muitas vezes aconselhados pelos próprios pais por melhores condições de vida e serviço.

Tabela 10 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável chances de sucessão familiar, em escalas de nota de 0 a 100%.

Variável	Autoconsumo Fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Sucessão familiar	90,0	17,7	58,6	43,0	0,1087

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão.

Outro aspecto importante é a ruptura entre os mundos: rural e urbano, onde o jovem do meio rural quer ter oportunidade de acesso, de forma igualitária a um conjunto de serviços que os jovens do meio urbano têm. Entre esses bens, destaca-se o acesso a telefonia, internet, e vias de acesso em boas condições de trafegabilidade. Oportunizar isso aos jovens nas propriedades rurais, tende a favorecer a sua permanência no campo (CENCI; DEGGERONE, 2016). O jovem busca independência financeira, através de várias maneiras. Isso se faz necessário para que eles acessem esses bens, e se isso não acontece, buscam essas condições no ambiente urbano (CENCI; DEGGERONE, 2016. p. 97). Em outras palavras, o jovem quer permanecer, porém com boas condições, que em princípio, ele teria mais facilmente em propriedades mais ricas.

#### 4.2.9 Conhecimento técnico

Segundo os dados da Tabela 11, ambos os grupos não diferiram estatisticamente quando questionados sobre o nível de conhecimento técnico empregado no autoconsumo, atribuindo nota 0 se produzida apenas com ensinamentos de pais e vizinhos, e 10 se todas as técnicas aprendidas com agentes de ATER. Como pode se notar, a atividade, segundo as famílias está bem abaixo de 50%, ou seja, as famílias consideram a atividade como sendo de muito baixa tecnologia e conhecimento técnico. Isso demonstra o atraso e esquecimento do autoconsumo quando comparado com outras atividades agrícolas. Dado que condiz com o descrito por Grisa, Gazolla, Schneider (2010), que denominaram a atividade como “invisível” no âmbito dos estudos rurais e das políticas públicas brasileiras.

Tabela 11 – Teste *t de Student* ( $\alpha = 5\%$ ), para a variável nível tecnológico

Variável	Autoconsumo fraco		Autoconsumo forte		Valor p*
	Média	DP	Média	DP	
Nível tecnológico empregado	3,1	2,0	3,5	1,7	0,6881

Fonte: Elaborado pelo autor, 2019.

\*p >0,05, ausência de diferença estatística a 5% de probabilidade.

Nota: DP - Desvio padrão.

## 5 CONCLUSÃO

O autoconsumo é uma importante alternativa à geração de renda na agricultura familiar, pois além de diminuir gastos com mercado, eventualmente gera renda através de seus excedentes.

Além de contribuir com a renda, garante condições de segurança alimentar, devido a sua grande diversidade e distribuição produtiva ao longo do ano, o que assegura alimento em quantidade e qualidade nutricional. Adicionado a isso em sua grande maioria são produtos agroecológicos.

Outro aspecto positivo, é a demanda relativamente baixa de mão de obra em DTH, o que possibilita a família usufruir de folgas, feriados e desenvolver outras atividades dentro ou fora da UPA.

A atividade de autoconsumo está aliada a uma faixa etária maior. As famílias são relativamente mais pobres e, encontram na atividade condições para sua permanência na agricultura. Visto que a agricultura comercial, provavelmente não seria uma alternativa às mesmas, por questões de idade, escassez de mão de obra, aposentadoria, aversão ao risco e penosidade.

A atividade se mostrou interessante sob o ponto de vista social, visto que valoriza conhecimentos passados de pais para filhos, incentiva o trabalho em grupo, alimenta as relações sociais entre familiares e vizinhos, e contribui com a manutenção de culturas e tradições locais.

A mulher é a figura mais importante na manutenção do autoconsumo, visto que algumas atividades são desenvolvidas exclusivamente por elas e nas demais ela trabalha de maneira igualitária ao homem. Outro ponto que explica isso, é que nas famílias de autoconsumo fraco o seu desinteresse está fortemente associado com a dedicação da mulher a atividades não agrícolas.

A reprodução do autoconsumo, mesmo em propriedades que atualmente não desenvolvem a atividade, torna-se importante, visto que ao envelhecer ou devido a problemas de saúde e inviabilidade socioeconômica das produções comerciais (prejuízos na safra), essas podem ter sua renda reduzida, o que pode gerar insegurança alimentar e aumentar o êxodo rural.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Ricardo. **O futuro das regiões rurais**. UFRGS Editora, 2003.
- BATALHA, Mário Otávio; BUAINAIN, Antônio Márcio; SOUZA FILHO, HM de. Tecnologia de gestão e agricultura familiar. **Gestão Integrada da Agricultura Familiar**. São Carlos, 2005.
- BRASIL. Resolução RDC nº 272 de 22 de setembro de 2005. Aprova o regulamento técnico para produtos de vegetais, produtos de frutas e cogumelos comestíveis. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, 2005.
- BRUM, Argemiro J. **Modernização da agricultura: trigo e soja**. Petrópolis: Vozes; Ijuí: FIDENE, p. 44-50, 1987.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Feministas**, v. 12, n. 1, p. 211, 2004.
- CAMARANO, A. A., ABRAMOVAY, R. (jul./dez. 1998) Êxodo rural, envelhecimento e masculinização no Brasil: panorama dos últimos cinquenta anos. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 15, No. 2, 45-66.
- CANCI, Adriano; ALVES, Antonio Carlos; GUADAGNIN, Clístenes Antônio. Kit diversidade: estratégias para a segurança alimentar e valorização das sementes locais. **Instituto de Agrobiodiversidade e Desenvolvimento Sócio-ambiental: São Miguel do Oeste, 208p**, 2010.
- CANEPELLE, Eduardo et al. ANÁLISE EVOLUTIVA SÓCIO PRODUTIVA DE ALIMENTOS NA AGRICULTURA FAMILIAR NO MUNICÍPIO DE CRISSIUMAL-RS. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável**, v. 8, n. 2, 2018.
- CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, p. 22-55, 2001.
- CASTRO, A.C.Q. **Impactos regionais de mudanças tecnológicas na agropecuária: Região Ceilão do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, 2001. 194p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1667>> Acesso em: 07, fev. 2019.
- CENCI, Douglas; DEGENERONE, Zenicleia Angelita. Caminhos e condições para sucessão na agricultura familiar. In: ROCHA Humberto José da; BERTO James Luiz; AMES Maria Alice Canzi (Org.). **Jovens na agricultura familiar: gestão e inovação para a sustentabilidade**. Curitiba: CRV, 2016. p.96-97.
- CHAYANOV, Alexander. La organización de la unidad económica campesina. 1974.
- CHAYANOV, Alexander. Sobre a teoria dos sistemas econômicos não capitalistas. **A questão agrária. São Paulo: brasiliense**, p. 133-163, 1981.



CHIMELLO, Réges. Fatores determinantes da produção para autoconsumo na agricultura familiar. **Unoesc & Ciência-ACET**, v. 1, n. 2, p. 163-174, 2010.

[CONAB] COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra brasileira de grãos (2017/2018). 2018.

DORIGON, Clovis.; RENK, Arlene. **Juventude rural, produtos coloniais e pluriatividade**. Chapecó, SC: Argos, 2013. p. 33–40.

FAO. Food security and sovereignty. 2013. Disponível em; <<http://www.fao.org/3/a-ax736e.pdf>> Acesso em: 01, mar. 2019.

FERRARI, Dilvan Luiz et al. Agricultores familiares, exclusão e desafios para inserção econômica na produção de leite em Santa Catarina. **Informações Econômicas, São Paulo**, v. 35, n. 1, p. 22-36, 2005.

FOGUESATTO, Cristian Rogério et al. Fatores relevantes para a tomada de decisão dos jovens no processo de sucessão geracional na agricultura familiar. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, v. 37, n. 130, p. 15-28, 2016.

GARCIA FILHO, Danilo Prado. **Guia metodológico: diagnóstico de sistemas agrários**. Projeto de Cooperação Técnica INCRA/FAO, 1999.

GAZOLLA, Marcio. Agricultura familiar, segurança alimentar e políticas públicas: Uma análise a partir da produção de autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS. 2004.

GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A produção da autonomia: os "papéis" do autoconsumo na reprodução social dos agricultores familiares. **Estudos: sociedade e agricultura. Rio de Janeiro, RJ. Vol. 15, n. 1 (abr. 2007), p. 89-122**, 2007.

GAVIOLI, Felipe Rosafa; COSTA, Manoel Baltasar Baptista. As múltiplas funções da agricultura familiar: um estudo no assentamento Monte Alegre, região de Araraquara (SP). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 49, n. 2, p. 449-472, 2011.

GRISA, Cátia. A produção "pro gasto": um estudo comparativo do autoconsumo no Rio Grande do Sul. 2007.

GRISA, Cátia; GAZOLLA, Marcio; SCHNEIDER, Sergio. A "produção invisível" na agricultura familiar: autoconsumo, segurança alimentar e políticas públicas de desenvolvimento rural. **Agroalimentaria**, v. 16, n. 31, p. 65-79, 2010.

GRISA, Cátia. A produção para autoconsumo na agricultura familiar: uma análise a partir da teoria da sociedade de risco. **Varia Scientia**, v. 8, n. 14, p. 171-200, 2009.

GRISA, Cátia; SCHNEIDER Sérgio; CONTERATO Marcelo Antônio. In: A produção para autoconsumo no Brasil: uma análise a partir do Censo Agropecuário 2006. **Aspectos multidimensionais da agricultura brasileira: diferentes visões do Censo Agropecuário**, p. 167-188, 2006.

GUIMARÃES, Nadya Araujo. Trajetórias inseguras, autonomização incerta: os jovens e o trabalho em mercados sob intensas transições ocupacionais. **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição**, p. 171-198, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo agropecuário 2006. **Rio de Janeiro**, 2006.

\_\_\_\_\_ Censo Agropecuário, 2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/lajeado-do-bugre/pesquisa/23/25124?detalhes=true>. v. 3, 2010. Acesso em: 10, mai. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE) Censo 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/lajeado-do-bugre/pesquisa/23/25124?detalhes=true>. v. 3, 2010. Acesso em: 10, mai. 2019.

INSTITUTO MATOGROSSENSE DE ECONOMIA AGROPECUÁRIA. **Custo de produção do milho safra 2017/2018**. Disponível em: <<http://www.imea.com.br/upload/publicacoes/arquivos/28032017194637.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2019.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (Brasil). Resumo. Alimentos, nutrição, atividade física e prevenção de câncer: uma perspectiva global. Rio de Janeiro: INCA, 2007. 12 p. Disponível em: . Acesso em: 18 abr. 2008.

LEITE, Sergio. Autoconsumo y sustentabilidad en la agricultura familiar: una aproximación a la experiencia brasileña. **Políticas de seguridad alimentaria y nutrición en América Latina, São Paulo: Hucitec**, p. 123-181, 2004.

LEONEL, Magali; DE OLIVEIRA, Marcelo Alvares; DUARTE FILHO, Jaime. Espécies tuberosas tropicais como matérias-primas amiláceas. **Revista Raízes e Amidos Tropicais**, v. 1, n. 1, p. 49-68, 2005.

LIMA, Arlindo. Pereira. et al. Administração da Unidade de Produção Familiar: Modalidades de trabalho com agricultores. Ijuí: UNIJUÍ, 2001. 222 p.

LOPES, Dulcelaine Lúcia et al. O diário de campo e a memória do pesquisador. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letra à Margem**, p. 131-135, 2002.

LUCCA, Emerson Juliano; DA SILVA, Antônio Lucas Lopes. Análise e diagnóstico de uma unidade de produção agrícola familiar. **Revista de Administração IMED**, v. 2, n. 3, p. 172-184, 2012.

MALUF, Renato et al. Estratégias de desenvolvimento rural, multifuncionalidade da agricultura e agricultura familiar: identificação e avaliação de experiências em diferentes regiões brasileiras. **Rio de Janeiro, Relatório final de pesquisa**, 2003.

MALUF, Renato Sergio. Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais. **Ensaio FEE**, v. 25, n. 1, 2004.

MANTELLI, Jussara. O processo de ocupação do Noroeste do Rio Grande do Sul e a Evolução Agrária. 2006.

MARTINS, Clitia Helena Backx; WINK JUNIOR, Marcos Vinício. Pobreza extrema em municípios do Rio Grande do Sul: evidências da multidimensionalidade. **Porto Alegre: FEE**, 2013.

MENASCHE, Renata. Os grãos da discórdia e o risco à mesa: um estudo antropológico das representações sociais sobre cultivos e alimentos transgênicos no Rio Grande do Sul. 2003.

MENASCHE, Renata; MARQUES, Flávia Charão; ZANETTI, Cândida. Autoconsumo e segurança alimentar: a agricultura familiar a partir dos saberes e práticas da alimentação. **Revista de Nutrição**, 2008.

MOTTER, Adriana Fátima Canova. COLONIZAÇÃO EUROPEIA NO NW DO RIO GRANDE DO SUL primeiros sinais de desequilíbrios ambientais. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 14, n. 1, p. 105-112, 2015.

OLIVEIRA, João et al. Custo de produção e agregação pelo processamento. In: **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte (IRPP) em Santa Catarina**. Florianópolis: CEPAGRO, 1999. p. 27.

OLIVEIRA, João et al. Processo de transformação dos produtos. In: **Avaliação do potencial da indústria rural de pequeno porte (IRPP) em Santa Catarina**. Florianópolis: CEPAGRO, 1999. p. 27-28.

OMS - ORGANIZACAO MUNDIAL DA SAUDE. **Reducing risks, promoting healthy life**. Paris: WHO, 2002.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande Do Sul**. Editora Globo: Porto Alegre. Coleção Província, v. 1, 401 p., 1969.

SACCO DOS ANJOS, Flávio; SCHNEIDER, Sergio. Agricultura familiar, desenvolvimento local e pluriatividade no Rio Grande do Sul: a emergência de uma nova ruralidade (AFDLP). **Relatório Final-Projeto de pesquisa CNPq-UFPel (PPGA)/UFRGS (PGDR)**. Pelotas, 2003.

SCHNEIDER, Sergio. **A pluriatividade na agricultura familiar**. SciELO-Editora da UFRGS, 2003.

SCHNEIDER, Sérgio. **Agricultura Familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 205p., 1999. (Série Estudos Rurais).

SILVA, Maria Micheliana da Costa; COELHO, Alexandre Bragança. Demanda por frutas e hortaliças no Brasil: uma análise da influência dos hábitos de vida, localização e composição domiciliar. 2014.

VALENÇA, Rui Alberto. Cooperativismo e associativismo como alternativa a exclusão social e econômica da agricultura familiar. In: ROCHA Humberto José da; BERTO James Luiz;

AMES Maria Alice Canzi (Org.). **Jovens na agricultura familiar: gestão e inovação para a sustentabilidade**. Curitiba: CRV, 2016. p.72-73.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília: Editora Unb, 1997.

WORLD BANK. **World development report 2008: Agriculture for development**. World Bank, 2007.



13. Quais a chances de haver sucessão familiar. Atribuir notas de 0 a 10 de maneira que 0 (pior nota) corresponde a 0% de chances de sucessão e 10 (melhor nota) corresponde a 100% de chances de sucessão.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

### Parte III: subsistência

14. Qual sua percepção sobre o autoconsumo?

<input type="checkbox"/> Alimento saudável	<input type="checkbox"/> Valorização cultural	<input type="checkbox"/> Alta atratividade econômica	<input type="checkbox"/> Sucesso no campo	<input type="checkbox"/> Mais capitalizadas	<input type="checkbox"/> Alimento saudável	<input type="checkbox"/> Participação da mulher
<input type="checkbox"/> Ineficiência técnica	<input type="checkbox"/> Trabalho árduo	<input type="checkbox"/> Baixa atratividade econômica	<input type="checkbox"/> Agroecologia / orgânica	<input type="checkbox"/> Menos capitalizadas	<input type="checkbox"/> Atraso tecnológico	<input type="checkbox"/> Alta demanda de mão de obra

Outros:

15. Em relação ao nível tecnológico. Atribuir nota 10 se toda a atividade é produzida segundo ensinamentos de pai para filho e entre vizinhos e nota 0 se todas as técnicas foram aprendidas com agentes de ATER, em visitas, cursos, palestras etc.?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

16. Sobre o esforço físico. Atribuir notas de maneira que 0 corresponde serviços muito leves e fáceis de serem realizados e 10 serviços muito pesados e difíceis de serem realizados.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

17. Realizam algum tipo de controle ou anotação para produção agrícola de modo geral? E para o autoconsumo? (custos, produção, época produzida, preço de mercado etc.)

18. Descrever as máquinas, instalações e equipamentos (ferramentas) utilizados no autoconsumo:

Máquinas/instalações/equipamentos			
Especificação	Valor Novo	Duração (anos)	Valor residual



## APÊNDICE 2 – QUESTIONÁRIO: FAMÍLIAS DE AUTOCONSUMO FRACO

### Parte I: Aspectos estruturais econômicos e tecnológicos

1. Descrição da UPA:

Localização: \_\_\_\_\_ Área total: \_\_\_\_\_ Superfície agrícola útil (SAU):

2. Área cultivada dos principais cultivos (dentre esses destacar o considerado como principal), orientação mercadológica (subsistência ou agronegócio) e sua respectiva renda (quanto a família acha que sobrou no último ano agrícola):

Cultivo	Área	Orientação mercadológica	Renda

3. Arrendam terras (da família)? Qual é a área e renda?

4. Existem outras fontes de renda da família (não agrícolas como aposentadoria, plurativismo etc.)?

Atividade	Renda

5. Como você avalia a atratividade econômica da agricultura. A família está totalmente satisfeita economicamente com a atividade (nota 10) ou totalmente insatisfeita (nota 0)?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

### Parte II: aspectos sociais, políticas públicas e extensão rural

6. Número de pessoas residindo na propriedade, seus respectivos gêneros, idades e atividade desempenhada:

Pessoa	Gênero	Idade	Atividade desempenhada

7. Há quanto tempo residem no local? A propriedade é de sucessão dos pais ou avós?

8. Sobre a influência de políticas públicas. conhecem alguma política pública nacional/estadual ou iniciativa local que estimule a produção para o autoconsumo?

9. Existe a possibilidade de sucessão familiar na propriedade? Atribuir notas de maneira que 0 corresponde a 0% de chances de sucessão e 10 corresponde a 100% de chances.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

### Parte III: Subsistência



10. Qual sua percepção sobre o autoconsumo?

( ) Alimento saudável	( ) Valorização cultural	( ) Alta atratividade econômica	( ) Sucesso no campo	( ) Mais capitalizadas	( ) Alimento saudável	( ) Participação da mulher
( ) Ineficiência técnica	( ) Trabalho árduo	( ) Baixa atratividade econômica	( ) Agroecologia / orgânica	( ) Menos capitalizadas	( ) Atraso tecnológico	( ) Alta demanda de mão de obra

Outros:

11. No passado, já produziram para o autoconsumo (bastante ou pouco)?

14. Em relação ao conhecimento técnico. Atribuir nota 10 se consideram a atividade como produzida segundo ensinamentos de pai para filho e entre vizinhos e 0 se aprendidas com agentes de ATER, em visitas, cursos, palestras etc.?

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

15. Sobre o esforço físico. Atribuir notas de 0 a 10 de maneira que 0 serviços muito leves e fáceis de serem realizados e 10 serviços muito pesados e difíceis de serem realizados.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10

16. A demanda de mão de obra (quantidade de horas) tem relação com o desinteresse da família em produzir para o autoconsumo?

17. Realizavam alguma anotação sobre o autoconsumo (custos, produção, época produzida, preço de mercado etc.)?

18. Como concluíram ser mais viável comprar ao invés de produzir?

19. Ademais, quais motivos vocês elencam ao desinteresse com o autoconsumo?

( ) Instabilidade de produção	( ) Baixa produtividade	( ) Pouca remuneração	( ) Falta de mão de obra	( ) Idade
( ) Outras atividades são mais atrativas	( ) Vontade de deixar o campo	( ) Falta de sucessores	( ) Falta de conhecimento	( ) Mais barato comprar do que produzir

Outros:



## **APÊNDICE 4 – DOCUMENTO: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado participante,

Você está sendo convidado (a) a participar da pesquisa **“O AUTOCONSUMO NA AGRICULTURA FAMILIAR: AUTONOMIA, SEGURANÇA ALIMENTAR E RENDA AGRÍCOLA”** desenvolvida por Adisson de Sá Censi, estudante de graduação em Agronomia, ênfase em Agroecologia, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Campus de Chapecó, sob orientação do Professor Dr. João Guilherme Dal Belo Leite.

O objetivo central do estudo é quantificar a contribuição do autoconsumo para a composição da renda agrícola familiar e as principais características associadas ao seu desenvolvimento.

A pesquisa será realizada com agricultores (as) familiares e agentes de assistência técnica e extensão rural do setor público do município de Lajeado do Bugre – Rio Grande do Sul e por isso o Sr. (a) está sendo convidado (a). Sua participação é extremamente importante e sem ela a pesquisa não poderia ser realizada.

Sua participação não é obrigatória e você tem plena autonomia para decidir se quer ou não participar, bem como desistir da colaboração neste estudo, no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação. Você não será penalizado de nenhuma maneira caso decida não consentir sua participação, ou desista da mesma. Contudo, ela é muito importante para a execução da pesquisa.

Você não receberá remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo sua participação voluntária.

Serão garantidas a confidencialidade e a privacidade das informações por você prestadas. Qualquer dado que possa identificá-lo (a) será omitido na divulgação dos resultados da pesquisa e o material será armazenado em local seguro.

A qualquer momento, durante a pesquisa, ou posteriormente, você poderá solicitar do pesquisador informações sobre sua participação e/ou sobre a pesquisa, o que poderá ser feito através dos meios de contato apresentados neste Termo.

Sua participação consistirá em responder um questionário semiestruturado sobre a produção para o autoconsumo na agricultura familiar.

Ao participar desta pesquisa estará contribuindo para geração de informações sobre o autoconsumo na agricultura familiar, assim como a realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do acadêmico Adisson de Sá Censi. Os resultados poderão ser compartilhados entre os participantes da pesquisa através de correspondência eletrônica (E-Mail).

Existe o risco de constrangimento diante de uma ou mais questões propostas pelo questionário da pesquisa. Entretanto, lembremos que lhe é garantido o direito de desistir de sua participação a qualquer tempo e sem nenhuma penalização. Reforçamos que sua identidade será preservada, e que seus dados serão armazenados em local seguro. As entrevistas serão realizadas de forma reservada, garantindo a confidencialidade das respostas.

Caso concorde em participar, uma via deste termo ficará em seu poder e a outra será entregue ao pesquisador. Não receberá cópia deste termo, mas apenas uma via.

Desde já agradecemos sua participação!

Local e data: \_\_\_\_\_

<p>_____ Prof. Dr. João Guilherme Dal Belo Leite Pesquisador Responsável</p>	<p><u>Telefone:</u> (0XX) 49 - 2049 6514 <u>E-mail:</u> joao.leite@uffs.edu.br <u>Endereço:</u> Universidade Federal da Fronteira Sul/UFFS, Av. Fernando Machado, 108 E, Centro - CEP: 89802-112 - Caixa Postal 181 – Chapecó SC, Brasil</p>
--	--

<p><b>“Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFFS”</b></p>	<p><u>Telefone/Fax:</u> (0XX) 49 - 2049 3745 <u>E-mail:</u> cep.uffs@uffs.edu.br <b><a href="https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/comite-de-etica-em-pesquisa/apresentacao">https://www.uffs.edu.br/institucional/pro-reitorias/pesquisa-e-pos-graduacao/comite-de-etica-em-pesquisa/apresentacao</a></b> <u>Endereço:</u> Rodovia SC 484 Km 02, Fronteira Sul - Bloco da Biblioteca - sala 310, 3º andar. Bairro: área rural. CEP: 89.815-899. Município: Chapecó. UF: SC</p>
---	--

Declaro que entendi os objetivos e condições de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

\_\_\_\_\_  
Nome completo do (a) participante

\_\_\_\_\_  
Assinatura

**APÊNDICE 5 – QUADRO: CLASSIFICAÇÃO E PREÇO DOS ALIMENTOS.**

Classe	Produto	Preço	Classe	Produto	Preço
Hortaliça	Abóbora	1,00	Fruta	Abacate	2,50
Hortaliça	Abobrinha de árvore	3,00	Fruta	Abacaxi	6,50
Hortaliça	Alface	6,67	Fruta	Abacaxi ananás	6,50
Hortaliça	Batata doce	3,50	Fruta	Acerola amarga	40,00
Hortaliça	Batata Yacon	20,00	Fruta	Ameixa amarela	20,00
Hortaliça	Beterraba	4,00	Fruta	Ameixa vermelha	12,00
Hortaliça	Brócolis	7,00	Fruta	Amora	20,00
Hortaliça	Caramoela	35,00	Fruta	Araçá	20,00
Hortaliça	Cebola	4,70	Fruta	Ariticum	20,00
Hortaliça	Cenoura	4,00	Fruta	Banana abóbora	4,00
Hortaliça	Chicória	6,67	Fruta	Ban. casca verde	4,00
Hortaliça	Chuchu branco	2,00	Fruta	Banana tres quinas	4,00
Hortaliça	Chuchu comprido	2,00	Fruta	Banana Maçã	4,00
Hortaliça	Chuchu verde claro	2,00	Fruta	Banana Nanica	2,50
Hortaliça	Chuchu verde escuro	2,00	Fruta	Banana Ouro	4,00
Hortaliça	Couve	15,00	Fruta	Banana prata	2,50
Hortaliça	Crem	80,00	Fruta	Berga. comum	2,50
Hortaliça	Ervilha	10,00	Fruta	Bergamota do céu	2,50
Hortaliça	Ervilha torta	10,00	Fruta	B. montenegrina	2,50
Hortaliça	Espinafre	20,00	Fruta	Bergamota Poncan	2,50
Hortaliça	Fava	11,00	Fruta	Tangerina	2,50
Hortaliça	Feijão vagem	4,00	Fruta	Butiá	15,00
Hortaliça	Mandioca família	3,50	Fruta	Caqui	5,00
Hortaliça	Mandioquinha salsa	15,00	Fruta	Carambola	22,00
Hortaliça	Melancia	1,00	Fruta	Cereja nativa	30,00
Hortaliça	Melão	5,00	Fruta	Coquinho	15,00
Hortaliça	Milho verde	2,00	Fruta	Figo	8,00
Hortaliça	Milho verde do galo	2,00	Fruta	Goiaba	5,00
Hortaliça	Mogango	1,00	Fruta	Guabiju	50,00
Hortaliça	Moranga	1,00	Fruta	Guavirova	30,00
Hortaliça	Moranginho	20,00	Fruta	Jaboticaba	20,00
Hortaliça	Pepino	3,00	Fruta	Jaracatiá	20,00
Hortaliça	Pimenta	6,00	Fruta	Laranja bahia	2,50
Hortaliça	Rabanete	3,00	Fruta	Laranja comum	2,50
Hortaliça	Radite	15,00	Fruta	Laranja suco	2,50
Hortaliça	Repolho	6,00	Fruta	Lima	5,00
Hortaliça	Rúcula	15,00	Fruta	Limão	2,50
Hortaliça	Tomate	7,00	Fruta	Mamão	5,60
Hortaliça	Tomate cereja	10,00	Fruta	Maracujá azedo	7,00
Tempero	Aipo	15,00	Fruta	Maracujá doce	12,00
Tempero	Açafrão da terra	20,00	Fruta	Pêra	6,00

Tempero	Alecrim	125,00	Fruta	Pêssego	3,50
Tempero	Alho	32,25	Fruta	Physalis	70,00
Tempero	Alho poró	40,00	Fruta	Pitanga	15,00
Tempero	Cebolinha	15,00	Fruta	Quiwi	20,00
Tempero	Coentro	125,00	Fruta	Romã	30,00
Tempero	Hortelã pimenta	125,00	Fruta	Uva	4,00
Tempero	Manjeriçã	125,00	Animal	Banha	6,00
Tempero	Manjerona	125,00	Animal	Bovino	12,00
Tempero	Orégano	125,00	Animal	Buchinho porco	1,00
Tempero	Salsa	15,00	Animal	Galinha	8,00
Medicinal	Alevante	300,00	Animal	Leite	2,90
Medicinal	Alfazema	300,00	Animal	Mel apis	20,00
Medicinal	Arruda	300,00	Animal	Mel jataí	120,00
Medicinal	Babosa	5,00	Animal	Ovos	6,94
Medicinal	Bálsamo	300,00	Animal	Ovelha	30,00
Medicinal	Boldinho	300,00	Animal	Pato	8,00
Medicinal	Boldo	300,00	Animal	Peixe	10,00
Medicinal	Caeté	10,00	Animal	Sebo	1,00
Medicinal	Camomila	300,00	Animal	Suíno	10,00
Medicinal	Canela	300,00	Grão	Amendoim	10,00
Medicinal	Alcânfor	300,00	Grão	Feijão arroz	5,00
Medicinal	Carqueja	300,00	Grão	Feijão miúdo	5,00
Medicinal	Cataflan	300,00	Grão	Feijão branco	5,00
Medicinal	Cavalinha	300,00	Grão	Feijão preto	4,00
Medicinal	Cidreira	300,00	Semente	Pinhão	10,00
Medicinal	Cidró	300,00	Processados	Chimia Abóbora	8,00
Medicinal	Erva de pontada	300,00	Processados	Chimia de Figo	8,00
Medicinal	Erva mate	10,00	Processados	Chimia Marmelo	8,00
Medicinal	Espinheira santa	300,00	Processados	Compota Figo	20,00
Medicinal	Flor de bergamota	300,00	Processados	Compota Pêssego	15,00
Medicinal	Folha de bergamota	300,00	Processados	Conserva Pepino	10,00
Medicinal	Funcho	300,00	Processados	Conserva Pimenta	10,00
Medicinal	Gengibre	10,00	Processados	Morcilia	16,00
Medicinal	Hortelã	300,00	Processados	Queijo	13,00
Medicinal	Urtigão	300,00	Processados	Salame	20,00
Medicinal	Infalivina	300,00	Processados	Sabão	6,00
Medicinal	Insulina	300,00	Processados	Torresmo	15,00
Medicinal	Losna	300,00	Processados	Torresm. prensado	20,00
Medicinal	Malva	300,00	Fibra veg.	Algodão	70,00
Medicinal	Marcela	300,00	Fibra veg.	Esponja	2,00
Medicinal	Melissa	300,00	Caule	Cana de açúcar	1,00
Medicinal	Poejo	300,00	Caule	Lenha lascada	0,30
Medicinal	Sálvia	300,00	Medicinal	Terramicina	300,00
Medicinal	Tansagem	300,00			

**APÊNDICE 6 – TABELA: LISTA DE ITENS DEPRECIÁVEIS**

Especificação	Valor Novo	Qt	Duração (anos)	Residual	Depreciação
Arado	500,00	1	20,00	0,00	25,00
Arame cerca	2000,00	1	10,00	0,00	200,00
Arame farpado cerca	2000,00	1	20,00	0,00	100,00
Baldes para mel	15,00	1	3,00	0,00	5,00
Batedor de feijão	2000,00	1	20,00	0,00	100,00
Caixa de abelha	30,00	1	5,00	0,00	6,00
Canga	200,00	1	20,00	0,00	10,00
Carreta agrícola	3000,00	1	10,00	0,00	300,00
Carrinho de mão	120,00	1	10,00	0,00	12,00
Carroça	5000,00	1	30,00	0,00	166,67
Cavadeira	30,00	1	10,00	0,00	3,00
Cerca de ferro	300,00	1	20,00	0,00	15,00
Cerrote	30,00	1	10,00	0,00	3,00
Chiqueiro	500,00	1	15,00	0,00	33,33
Eletrificador para cerca	70,00	1	5,00	0,00	14,00
Engenho de cana	500,00	1	15,00	0,00	33,33
Enxada	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Enxadão	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Estrebaria	1000,00	1	30,00	0,00	33,33
Facão	20,00	1	5,00	0,00	4,00
Ferramentas de reparo	200,00	1	10,00	0,00	20,00
Fogão campeiro	100,00	1	20,00	0,00	5,00
Foice	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Foicinha	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Fumegador	100,00	1	10,00	0,00	10,00
Galinheiro	500,00	1	15,00	0,00	33,33
Galpão	6000,00	1	30,00	0,00	200,00
Galpão e estrebaria	6000,00	1	10,00	0,00	600,00
Galpão/chiqueiro/galinheiro	6000,00	1	30,00	0,00	200,00
Garfo	30,00	1	20,00	0,00	1,50
Grade de boi	500,00	1	20,00	0,00	25,00
Machado	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Manguá	0,00	1	10,00	0,00	0,00
Mangueira irrigação	100,00	1	10,00	0,00	10,00
Martelo	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Matraca	100,00	1	5,00	0,00	20,00
Mesa para carnear	100,00	1	20,00	0,00	5,00
Motor agrícola	1000,00	1	20,00	0,00	50,00
Motosserra	800,00	1	10,00	0,00	80,00
Ordenhadeira	4000,00	1	10,00	0,00	400,00
Pá	20,00	1	10,00	0,00	2,00

Palanques concreto	25,00	1	15,00	0,00	1,67
Especificação	Valor Novo	Qt	Duração (anos)	Residual	Depreciação
Panela Queijo, Chimia...	120,00	1	20,00	0,00	6,00
Picão	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Plantadeira de boi	1000,00	1	20,00	0,00	50,00
Prensa de queijo	100,00	1	20,00	0,00	5,00
Prensa de torresmo	200,00	1	30,00	0,00	6,67
Pulverizador costal	100,00	1	10,00	0,00	10,00
Rastelo	20,00	1	10,00	0,00	2,00
Regador	25,00	1	7,00	0,00	3,57
Roçadeira	300,00	1	5,00	0,00	60,00
Roupa apícola	120,00	1	10,00	0,00	12,00
Sala de ordenha	1000,00	1	10,00	0,00	100,00
Tela de sombreamento	100,00	1	10,00	0,00	10,00
Tacho	200,00	1	30,00	0,00	6,67
Tela horta	400,00	1	20,00	0,00	20,00
Trilhadora	20000,00	1	50,00	0,00	400,00
Vidros conserva	5,00	1	5,00	0,00	1,00
Total		58			